

# ACÁCIA

∞ VENTOS DO NORTE ∞

*Tradução de Maria Correia*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

DAVID ANTHONY  
DURHAM



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Mapa do MUNDO  
CONHECIDO

PLATAFORMAS  
DA LIGA



ATOL

AS MILHARES

AS ILHAS  
DISTANTES

PALISHDOCK

ENCOSTAS  
CINZENTAS

THRAIN

CANDOVIA

Elos

Calfa  
Ven

SEÑIVAL

CIDADES COSTEIRAS

HALALY

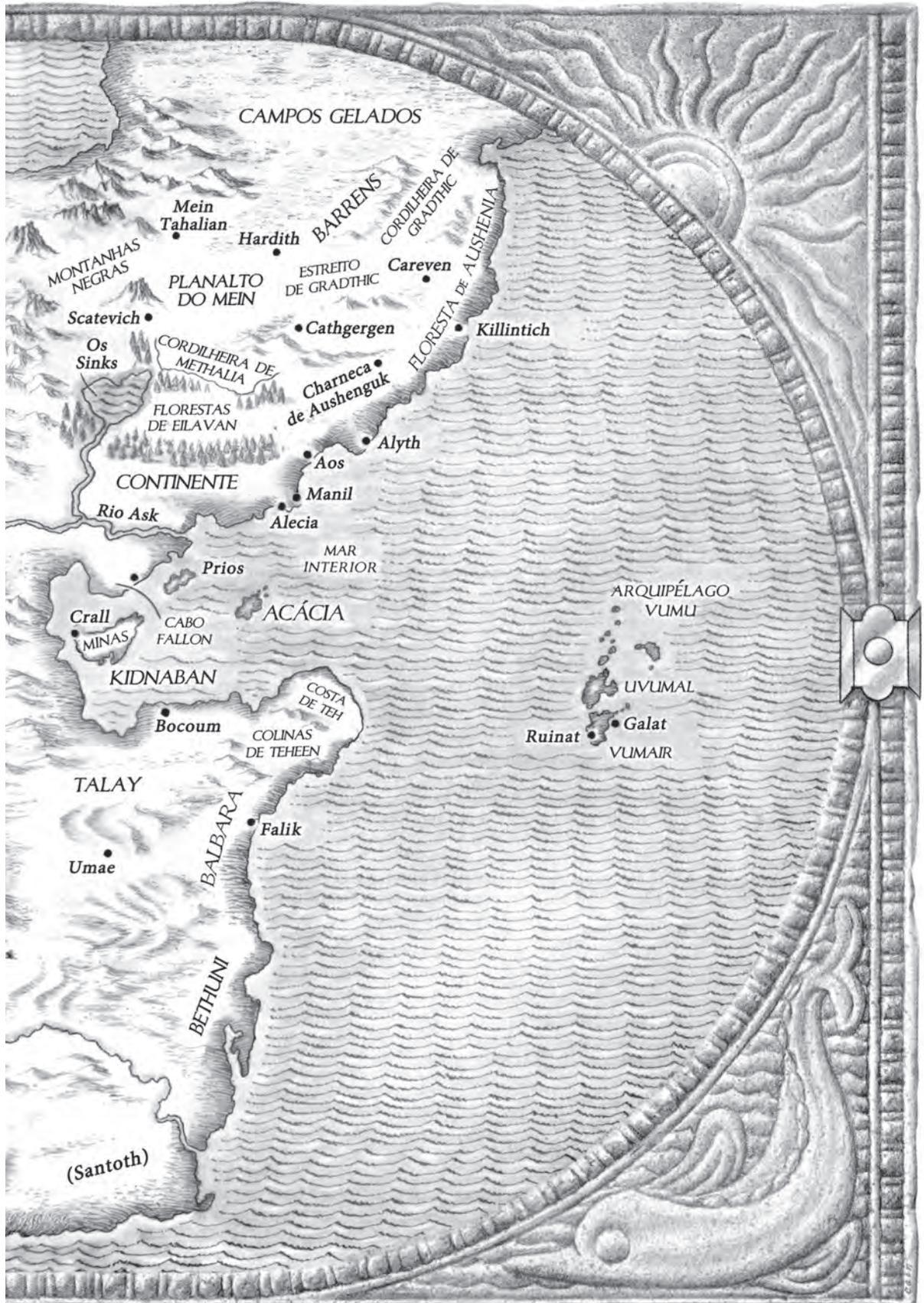
SUL  
DISTANTE

Luana

TERRAS DOS  
LAGOS

Pelos





*Para Laughton e Patricia*

## AGRADECIMENTOS



*Gostaria de agradecer, além da minha esposa, Gudrun, a Laughton Johnson e a Gerry LeBlanc por terem lido o manuscrito deste livro, e a James Patrick Kelly, por também lhe ter dado um sinal positivo. Estou grato a Sloan Harris por ser um agente espetacular e a Gerald Howard por ser um verdadeiro editor. Obrigado também a todos os que trabalham no programa de escrita criativa de Stonecoast MFA, especialmente à equipa de Ficção Popular, pelo apoio que me deram na minha transição para o lado negro. Queria também agradecer a todos, nas editoras Doubleday e Anchor. Posso ter sido eu a escrever esta pequena história, mas foi necessária mais gente do que posso aqui nomear para produzir a obra que têm agora nas vossas mãos.*

∞ Livro Um ∞

O IDÍLIO DO REI

CAPÍTULO

## UM



✎ O assassino saiu da fortaleza de Mein Tahalian pela grande porta principal, cavalgando através de uma brecha nas vigas de pinho reforçadas, que era larga apenas o suficiente para lhe permitir a passagem. Partiu ao nascer do Sol, trajado como um qualquer soldado do Mein. Vestia um manto de pele de alce que o envolvia completamente. O manto cobria-o até às pernas e aquecia a montada de cascos largos onde seguia. A proteger-lhe o peito levava uma couraça dupla: duas placas de ferro moldadas aos contornos do corpo com uma camada de pele de lontra a servir de estofo. Dirigiu-se para sul através dos campos cobertos de neve, que resplandeciam com um fulgor gélido.

Naquele inverno o frio era tão intenso que, durante os primeiros dias de viagem, a respiração do homem cristalizava ao escapar-se-lhe dos lábios. O vapor aglomerava-se de forma estranha em redor da boca, parecendo o canal de entrada para uma caverna. O gelo modelara pingentes que lhe pendiam da barba, chocando uns contra os outros como campânulas de vidro. Cruzava-se com poucas pessoas, mesmo quando passava pelas aldeias de construções baixas e abobadadas. Na neve, detetava o rasto de raposas e lebres, mas raramente via os animais. Uma vez, um gato das neves parou no alto de um penedo para o observar, olhando-o indeciso, hesitante entre fugir do cavaleiro ou persegui-lo. Acabou por não fazer nem uma coisa nem outra, e o homem deixou o animal para trás.

A certa altura chegou ao topo de um cabeço e contemplou a vasta planície onde as renas abundavam. Desde tempos remotos que raramente se via uma coisa assim. De início pensou que tinha encontrado uma reunião do mundo dos espíritos. Depois sentiu o cheiro intenso dos animais. Tal quebrou a sensação de mistério. Desceu a colina na direção

## ACÁCIA

deles, sentindo a alegria invadi-lo ao ver como a manada se afastava dele, o som dos cascos rufando como um tambor dentro do seu peito.

Se as terras do Mein pertencessem ao seu povo, talvez tivesse caçado estas criaturas como os seus antepassados haviam feito. Porém, o seu desejo não mudava a realidade. A raça denominada Mein, assim como o planalto situado numa zona mais elevada a norte, com o mesmo nome, a grande fortaleza de Tahalian e os homens de linhagem real que deveriam governar o território sem interferências, todos haviam sido reduzidos a servos de Acácia durante os últimos quinhentos anos. Haviam sido derrotados e massacrados em grande número, e desde então eram súbditos de governantes estrangeiros. Sobrecarregados de impostos injustos, tinham-lhes roubado os guerreiros, muitos dos quais enviados para servir nos exércitos de Acácia, em terras distantes, fora do alcance dos antepassados. Era assim, pelo menos, que o cavaleiro via as coisas — como uma injustiça que não poderia durar para sempre.

Na primeira semana, por duas vezes, desviou-se da estrada principal para evitar os postos de controlo da Guarda do Norte. Tinha os documentos em ordem. O mais provável era não o retardarem no caminho, mas não confiava nos acacianos e abominava a ideia sequer de fingir que reconhecia a sua autoridade. Cada curva do caminho o aproximava mais das Montanhas Negras, que se perfilavam paralelas ao caminho que percorria. Os altos cumes despontavam da neve como enormes lâminas de obsidiana que tivessem sido afiadas como o gume de uma navalha. A acreditar nas antigas lendas, esses cumes eram as pontas das lanças atiradas, para o telhado do seu mundo, pelos gigantes furiosos cujas terras jaziam sob a superfície da Terra.

Depois de dez dias a cavalgar, chegou à beira da cratera de Methalia, no limite sul das terras do Mein. Parou por instantes, observando, as florestas férteis que se espraiavam a novecentos metros lá em baixo, consciente de que não voltaria a respirar aquele ar das terras altas. Retirou o arnês da montada e deixou-o cair onde estava. Escolheu novas rédeas, mais soltas, que não revelassem a sua origem. Apesar de ainda fazer frio e de os campos estarem polvilhados de geada, desapertou o manto e atirou-o ao chão. Pegou num punhal e cortou a tira em pele que prendia o elmo. Atirou-o para os arbustos e abanou os cabelos. Liberto da prisão do metal, o cabelo, comprido e castanho, soltou-se, como que alegre com a nova liberdade. O cabelo era um dos traços que haviam feito dele o homem indicado para cumprir aquela missão. A cor pouco se parecia com o tom de palha quebradiça dos cabelos da maioria da raça do Mein e sempre o embaraçara.

Depois de vestir uma camisa de algodão para esconder a couraça que lhe protegia o peito, o cavaleiro e a montada começaram a descer lá do alto. Percorreram um trilho ziguezagueante que ia dar a um terreno completamente diferente, uma floresta temperada de árvores de madeira dura, salpicada por pequenas povoações que faziam parte da área norte dos territórios administrados diretamente por Alécia, a sede burocrática do governo acaciano.

Como o seu domínio da língua do império lhe era repulsivo, raramente falava com alguém, exceto nas alturas em que não tinha outra escolha. Quando vendeu o cavalo a um comerciante no limite sul da região dos bosques, mal lhe respondeu, tapando a boca com as costas da mão e murmurando as palavras em voz rude e gutural. Aceitou como pagamento moedas do reino, roupa que não atrairia a atenção e um par de botas fortes em pele, visto que teria de percorrer o restante caminho até à costa a pé. Assim, mudou novamente de aspeto.

Seguiu pela estrada principal rumo ao sul, carregando um grande alforge ao ombro. No saco sobressaía aqui e ali o volume das coisas de que viria a precisar. Passava as noites abrigado em depressões de terreno, à beira de quintas ou na clareira de algum bosque. Embora para as populações das redondezas a terra continuasse dominada pelos rigores do inverno, para ele o clima assemelhava-se mais ao verão tahaliano, suficientemente quente para o fazer suar.

Não longe do porto de Alécia, desfez-se das vestes mais uma vez. Tirou a couraça, enterrou-a debaixo das pedras de um rio, e pôs um manto que fora tecido nos frios aposentos da fortaleza do Mein, esperando que parecesse genuíno no lugar para onde ia. Com a capa sobre os ombros, parecia ser um dos membros dos Vadayan. Apesar de muito antiga, a ordem dos Vadayan já não era a seita religiosa ativa de outrora. Eram eruditos que estudavam e preservavam a antiga tradição sob a superintendência cerimonial das sacerdotisas de Vada. Tratava-se de um grupo reservado, que desdenhava as manobras do império. Como tal, não pareceria estranho que ele pouco falasse com quem ia encontrando.

Para completar o disfarce, o homem rapou os lados da cabeça e apanhou o cabelo no alto, com um nó de finas fitas de cabedal. A pele de ambos os lados do crânio estava tão pálida e rósea como a de um porco. Esfregou-a com uma tintura usada para tingir madeira. Quando acabou, nem o olhar mais arguto o tomaria por algo mais do que o sábio por que pretendia fazer-se passar.

Apesar de usar os vários disfarces com toda a compostura, na verdade não era nenhum daqueles por quem se fazia passar. Chamava-se

## ACÁCIA

Thasren Mein. Nascera de sangue nobre, filho do falecido Heberen Mein. Era o irmão mais novo de Hanish, o legítimo chefe das tribos do Planalto do Mein, e de Maeander, chefe dos Punisari, a guarda de elite e orgulhosa alma da tradição marcial do seu povo. Era uma linhagem de que se orgulhava, mas tudo abandonara para se tornar num assassino. Pela primeira vez a sua existência fazia realmente sentido para ele. Nunca estivera tão concentrado num objetivo como agora, nunca se sentira tão completo, encarregue de uma missão pela qual jurara morrer. Quantos andarão pela terra sabendo exatamente porque respiram e compreendendo em pleno o que têm de fazer antes da passagem para a outra vida? Que afortunado era!

A bordo do barco que o transportava, contemplou a ilha de Acácia erguendo-se do mar verde pálido numa amálgama retorcida de rochedos. Ao longe, parecia bastante inofensiva. O ponto mais alto da ilha situava-se no extremo sul. No centro, as colinas e as serranias tornavam-se mais planas para voltarem a erguer-se em diversos planaltos, que as gerações povoadoras haviam talhado para poderem albergar o palácio. As acácias perfilavam-se tão escuras como os talayanos negros do sul, que usavam grandes plumagens salpicadas aqui e ali de botões de flor brancos. Apesar da linha da costa da ilha ser comprida e serpenteante, poucos eram os locais de fácil acesso; as praias eram raras e os portos escassos.

Quando o barco passou para lá das torres de proteção do porto, Thasren viu uma bandeira do império, descaída no mastro devido à falta de vento. Sabia pelas cores o que veria, se a bandeira estivesse desfraldada: um sol amarelo dentro de um quadrado debruado a vermelho, e no centro a silhueta negra da árvore que dera o nome àquela terra. Todas as crianças do Mundo Conhecido reconheceriam aquele estandarte, por mais longe que tivessem nascido. O assassino teve de conter a vontade que tinha de lhe cuspir com desdém.

Subiu do barco para a doca principal por entre a confusão precipitada dos outros passageiros, mercadores e jornaleiros, mulheres e crianças, todos saltando a fenda sobre as águas cristalinas como animais de uma manada. Havia alguns outros Vadayan entre eles, mas Thasren evitou olhá-los nos olhos. De pé, sobre as pedras sólidas da doca, enquanto os companheiros de viagem passavam por ele, percebeu que acabava de entrar no covil do inimigo. Se alguém em seu redor descobrisse agora o seu nome ou lhe pudesse adivinhar os pensamentos, tornar-se-ia o alvo de todos os punhais, espadas e lanças existentes na ilha. Aguardou um momento, demorando-se mais do que pretendia, surpreendido por ver que ninguém o acusava. Ninguém desatara aos gritos de aviso ou parara sequer para o ver melhor.

Encarou a grande muralha de pedra rósea com um olhar frio. Para lá dela despontavam pináculos, torres e cúpulas, pintados de azul escuro, de tons de um vermelho sombrio ou de castanho cor de ferrugem, por entre alguns edifícios dourados que cintilavam à luz do sol. As estruturas dispunham-se em terraços sobrepostos, precipitando-se de forma abrupta, como se de uma montanha escarpada se tratasse. Era belo de contemplar, até ele reconhecia isso. Em nada se assemelhava ao aspeto atarracado e lúgubre da terra natal do assassino. Tahalian fora construída com vigas maciças talhadas dos pinheiros da região, semi-enterrada no solo como proteção contra o frio, sem quaisquer ornamentos por estar durante grande parte do ano imersa na escuridão do inverno, com a neve a acumular-se em todas as superfícies planas. Era doloroso medir as diferenças entre ambas e por isso Thasren afastou esses pensamentos de si.

Dirigiu-se devagar para os portões da baixa da cidade. Talvez levasse algum tempo, mas encontraria o caminho por entre as ruas do interior da cidade, adotando o aspeto que fosse sendo necessário até conseguir entrar no palácio. Aí daria resposta à pergunta colocada, como quem não quer coisa, pelo irmão, um mês antes. Se queriam matar uma besta com muitos tentáculos, interrogara-se Maeander, por que não começar por decapitá-la? Depois, dariam conta dos membros e do corpo enquanto a criatura cambaleava às cegas, sem orientação. O assassino teria apenas de se aproximar o suficiente dessa cabeça, esperar pelo momento propício para atacar e fazê-lo em público, para que a notícia de tal ato se espalhasse, como uma doença, de boca em boca.

## CAPÍTULO

## DOIS



Para a ajudar a superar o tédio da lenta lição da manhã, Mena Akaran sentava-se sempre exatamente no mesmo lugar, sobre um tufo de erva atrás dos irmãos. Acabara de fazer doze anos e, daquele lugar, conseguia ver pelo buraco de uma espiga em falta na balaustrada de pedra que confinava com o pátio. Este emoldurava um cenário que começava com os muitos terraços sobrepostos do palácio. Que descia depois para um espaço amplo para lá da muralha ocidental da cidade, que dava por sua vez lugar a várias colinas cultivadas. Ao fundo, via-se a elevação de terreno mais alta: o longínquo promontório conhecido por Rochedo da Enseada. Estivera lá com o pai e lembrava-se do cheiro fétido e do vozear cacofónico das aves marinhas que ali abundavam, e das vistas vertiginosas que se espriavam a pique, numa descida de quatrocentos metros até às ondas alterosas. Sentada lá no alto, assistindo à aula ao ar livre que os filhos do rei tinham com o seu tutor, Mena estava mergulhada num devaneio sonhador. Esta manhã imaginava ser uma gaivota lançando-se em voo do alto dos rochedos. Precipitava-se num voo picado e mergulhava na superfície das águas. Lançava-se por entre as velas das embarcações dos pescadores e em redor das barcaças dos mercadores que navegavam aqueles mares, rasando as correntes circulares que as levavam de um lugar para outro. Afastava-se delas e as ondas erguiam-se mais alterosas ainda. As águas azul turquesa transformavam-se então num tom azul profundo e depois escureciam, num negrume cerrado. Voava por cima dos cardumes de anchovas brilhantes e ao longo dos dorsos das baleias, procurando coisas desconhecidas que ela sabia que acabariam por emergir da crista espumosa do horizonte...

— Mena? Estais aqui connosco, princesa? — Jason, o tutor real, e ambos os irmãos e a irmã estavam a olhá-la. As crianças estavam senta-

das na erva húmida. Jason encontrava-se à frente delas, com um velho volume numa mão, a outra mão descansando na anca: — Ouvia a pergunta?

— Claro que ela não ouviu a pergunta — retorquiu Aliver. Com dezasseis anos, era o mais velho dos filhos do rei, o suposto herdeiro do trono. Ultimamente dera um salto, ultrapassara o pai em altura, e a voz mudara. Tinha uma expressão de tédio infinito, um mal que o atacara havia cerca de um ano e que ainda não o abandonara.

— Estava outra vez a pensar em peixes. Ou em golfinhos.

— Nem peixes nem golfinhos são chamados ao tópico de que falávamos — respondeu Jason. — Por isso, repito: quem foi deposto pelo fundador da dinastia Akaran, em Galaral?

Fora aquela a pergunta que não ouvira? Qualquer pessoa saberia responder! Mena detestava ter de responder a perguntas simples. Tinha prazer no conhecimento apenas quando se destacava dos outros. Dariel, o irmão mais novo, sabia quem fora o primeiro rei e o que fizera e tinha apenas nove anos. Manteve o silêncio tanto tempo quanto pôde, mas quando Aliver abriu a boca para proferir mais um sarcasmo, falou rapidamente.

— Edifus foi o fundador. Nasceu nos Lagos, entre sofrimento e escuridão, mas venceu uma guerra sangrenta que havia dominado o mundo inteiro. Encontrou o Falso Rei Tathe, em Galaral, e esmagou as suas forças com a ajuda dos Profetas Santoth. Edifus foi o primeiro de uma dinastia ininterrupta de vinte e um reis Akaran, dos quais o meu pai é o mais recente. Os filhos de Edifus, Thalaran, Tinhadin e Praythos começaram a firmar e a consolidar o império através de uma série de campanhas chamadas as Guerras da Distribuição...

— Muito bem — retorquiu Jason. — É mais do que pedi...

— Uma gaivota.

— O quê?

— Estava a imaginar que era uma gaivota, e não um peixe ou um golfinho. — Ela fez um rosto carrancudo e virou-se para Aliver e depois para Corinn.

Algum tempo mais tarde, depois de ter tentado sem sucesso resumir os seus devaneios sobre aves, Mena contentou-se em seguir a conversa. A discussão virara-se agora para a Geografia. Corinn nomeou seis províncias e conseguiu dizer alguma coisa sobre as famílias aí reinantes e as formas de governo: o continente, no Norte próximo, a satrapia do Mein, no Norte distante, a Confederação Candoviana, a noroeste, Talay a sul desta, e as tribos da montanha de Senival, a oeste. As ilhas interligadas, chamadas arquipélago Vumu, constitui-

## ACÁCIA

am a última província, embora não tivessem o governo centralizado das outras.

Jason desenrolou um mapa sobre a erva e pediu às crianças que prendessem os cantos com os joelhos. Dariel tinha sempre especial prazer nos mapas. Inclinou-se muito próximo deste e repetiu tudo o que o tutor dissera como se estivesse a traduzir informação para um outro ouvinte. Houve algo no modo lento como o fez que levou Mena a interrompê-lo.

— Por que razão está Acácia sempre no centro dos mapas? — perguntou ela. — Se o mundo curva e não tem fim — como nos ensinou, Jason — como poderá um lugar ser o centro e não outro?

Corinn achou a pergunta idiota. Olhou para Jason de sobrolho erguido e lábios franzidos. Com quinze anos, era atraente e ele sabia-o, com a tez cor de azeitona e o rosto ovalado que caracterizava a beleza acaciana. Adquirira muito das feições da mãe, que morrera, e continuava a viver nela; pelo menos, era o que toda a gente parecia pensar.

— É que é o centro, Mena. Toda a gente sabe disso.

— Bem resumido, — respondeu Jason — mas a Mena tem razão. Todos os povos pensam em si como os primeiros. Primeiros, centrais e acima de tudo, não é? Hei de mostrar-vos um mapa de Talay um dia. Desenham o mundo de modo bastante diferente. São uma grande nação também...

Aliver soltou uma gargalhada.

— Está a brincar! Os homens e as mulheres andam meios nus por lá. Caçam com lanças e veneram deuses que parecem animais. Ainda têm pequenos governos tribais — com chefes e coisas assim. Não são melhores do que os brigões de Mein.

— E faz muito calor por lá — acrescentou Corinn. — Dizem que a terra é tão árida que se desfaz em pó durante metade do ano. Têm de beber de buracos escavados no chão.

Jason concordou que o clima da Talay era rigoroso, especialmente no Sul distante. Além disso, sabia que pensariam sempre que os seus modos eram inferiores aos costumes acacianos. Havia uma razão para Acácia ter o domínio sobre todo o Mundo Conhecido. Disse-lhes:

— Somos um povo dotado. Mas somos também benevolentes. Não devemos desprezar os talayanos ou qualquer outro povo...

— Eu não disse que os desprezo. Eles têm os seus costumes e, quando for rei, tentarei respeitá-los. Agora, porque desenrolámos o mapa? Tem alguma coisa a ensinar-nos ou não?

Jason, notando o arroubo de impaciência no tom de Aliver, anuiu. Sorriu ao concordar e desviou a conversa. Sim, era um professor, mas nunca se esquecia de que era também um servo. Por vezes, aquilo parecia

lamentável a Mena. Como iriam eles aprender verdadeiramente sobre o mundo, se podiam calar os seus tutores apenas erguendo o tom de voz?

A lição foi retomada e todos escutaram Jason sem mais interrupções. Porém, não continuaram por muito mais tempo. Alguns minutos depois, o pai, o rei Leodan, empurrou a porta, inspirando o ar da manhã. O seu rosto tinha a textura de pele curtida. Alguns cabelos brancos salpicavam-lhe as têmporas, realçando o cabelo negro, traindo-lhe tanto a idade como o peso dos seus fardos reais. Olhou os filhos, acenou ao tutor, e depois contemplou a vista panorâmica da sua ilha. Disse então:

— Jason, interromperei a tua lição esta manhã. Com a delegação de Aushenia prestes a chegar, não terei o tempo que gostaria de ter com os meus filhos durante as próximas semanas. Acordei com vontade de andar a cavalo. Estou inclinado a ceder ao desejo. Se os meus filhos me quiserem acompanhar, o assunto estará resolvido...

Os filhos também estavam com vontade, e, em menos de uma hora, saíram a galope por uma das pequenas portas laterais que desciam do palácio. Todos eles sabiam montar desde os quatro ou cinco anos, e eram bons cavaleiros, até mesmo Dariel. Seguia-os uma escolta de dez homens a cavalo, a distância discreta. Ninguém imaginaria que o rei corresse risco enquanto estivesse em Acácia, mas, como monarca, cedia muitas vezes às tradições vindas de tempos mais perigosos.

Cavalgavam apressadamente ao longo da estrada que seguia para oeste. Por vezes, o caminho atravessava cristas de montes tão finas que se podia ver a vista de ambos os lados, que desciam em encostas cobertas de zimbro e desabavam para o mar. As coroas espinhosas das acácias despontavam aqui e além, através da fina abóbada de folhagem entrelaçada. Fora isto, claro, que dera o nome à ilha, e, à dinastia Aka-ran, o seu título informal. Eram um traço distintivo da paisagem, único entre as outras ilhas do Mar Interior, visto em mais nenhuma existirem acácias.

De perto, as árvores haviam amedrontado Mena quando era mais nova. Eram nodosas e cheias de espinhos, sempre tão quietas e, no entanto, habitadas como que por uma ameaça de vida latente, uma inteligência interior, que ela suspeitava que as árvores preferiam manter oculta pelas suas próprias razões. Havia apenas pouco tempo que começara a sentir-se menos inquieta junto delas. Havia transplantado um exemplar com muitos anos para o quarto de Dariel, que depois poliram e podaram, para servir de estrutura para trepar: um brinquedo. Isto contribuíra bastante para acalmar a sua apreensão. Afinal aquelas árvores podiam ser cortadas, transplantadas e moldadas, de forma a servirem para brincadeiras para crianças, sendo assim dificilmente algo a recear.

Os cavaleiros desceram até à praia acidentada do lado sul da costa, uma estreita faixa deixada no seu estado natural, com vista para a baía entre as falésias que pululavam de aves. Durante algum tempo cavalgaram num grupo desordenado, em redor e por entre grandes troncos embranquecidos pelo sol que andavam à deriva, ou através das águas verdes transparentes, enquanto os cavalos varriam a espuma com as patas. Aliver desmontou e começou a atirar conchas às ondas. Corinn ficou sobre um tronco carcomido de uma enorme árvore, de braços abertos e o rosto virado à brisa gélida. Dariel perseguia caranguejos pela areia.

Mena preferiu ficar do lado direito do pai enquanto este caminhava de um lado para outro, interessado em tudo, rindo, pois parecia haver muitas coisas que o divertiam quando se encontrava com os filhos. Mena levava na mão um galho que apanhara, e passava os dedos sobre a patine húmida que o cobria. Era exatamente assim que a vida devia ser. Ela não se interrogava sobre se aquela situação — um rei brincando com os filhos — seria invulgar. Era, simplesmente, o modo como as coisas sempre tinham sido. Não conseguia imaginar outra possibilidade. Contudo, perguntava-se se mais alguém para além dela via a tensão que o rosto do pai ocultava. A sua alegria era sincera, mas exigia-lhe algum esforço. Era-lhe dolorosa, de algum modo, por causa daquela que estava ausente.

Nessa noite, tendo regressado à quente colmeia do palácio, Mena e Dariel enrosaram-se no leito da princesa para ouvirem o pai contar-lhes uma história. Como todos os aposentos do palácio, o quarto de Mena era grande, amplo e de teto alto, com o chão de mármore branco polido. Não era um quarto onde Mena tivesse exercido qualquer influência, ao contrário de Corinn, com o seu ninho de rendas vivamente colorido e repleto de almofadas. O mobiliário era uniformemente antigo, móveis feitos de madeira nodosa, com estofos que picavam a pele. Das paredes pendiam tapeçarias representando figuras da história acaciana. Mena só conseguia nomear os feitos de algumas delas, mas sentia a sua presença no quarto como uma força protetora. Tomavam conta dela. Eram, afinal de contas, as pessoas da família de seu pai. Da sua.

Leodan sentou-se num tamborete ao lado deles.

— Então, — proferiu — creio que chegámos à hora em que lhes devo contar a história dos dois irmãos e de como começou o grande desentendimento entre eles. É pena que a Corinn e o Aliver sejam crescidos demais para ouvir histórias; antes, gostavam muito desta, embora seja um pouco triste.

O rei contou-lhes então que um dia, havia muito tempo, tinham existido dois irmãos, Bashar e Cashen, que eram tão próximos que ninguém os conseguia separar. A lâmina de um punhal não passaria entre

eles, tal era o amor que sentiam um pelo outro e a alegria que tinham na companhia mútua. Pelo menos, isto foi verdade até ao dia em que uma delegação de uma aldeia vizinha foi ter com eles e lhes disse que, visto serem dois irmãos tão bons e nobres, lhes imploravam que um deles se tornasse algo a que se chamava «rei». Um profeta dos sonhos dissera-lhes que, se tivessem um rei, encontrariam a prosperidade. De tal precisavam eles bastante, pois havia anos que sofriam de fome e discórdias. Nenhum deles conseguiu decidir quem de entre eles deveria ser rei, por isso imploravam a um dos irmãos que aceitasse o papel.

Os dois irmãos perguntaram se poderiam ambos ser reis, mas os aldeões disseram-lhes que isso não era possível. Só um único homem pode ser rei de um lugar, explicaram. Fora isso que o profeta lhes dissera. Porém, ainda assim, os irmãos gostaram da ideia de virem a ser reis. Pediram aos aldeões que escolhessem entre os dois e que o que não fosse escolhido acataria a decisão. Em segredo, fizeram um pacto em como, passados cem anos, trocariam de papel e, aquele que não fora rei, passaria a sê-lo.

Cashen foi então eleito rei. Durante cem anos governou sem incidentes. O povo prosperava. Bashar estava sempre a seu lado. Porém, no primeiro dia do centésimo primeiro ano, Bashar pediu a Cashen que lhe passasse a coroa. Cashen olhou para ele friamente. Habitara-se a ser rei, apaixonado pelo poder que detinha. Bashar recordou-o do acordo que haviam feito. Cashen retorquiu que nunca tais palavras haviam sido trocadas entre eles. Ouvindo tal, Bashar encheu-se de fúria. Agarrou o irmão. Cashen afastou-o com brusquidão para longe de si e, sentindo subitamente medo e vergonha, saiu a correr da aldeia e foi para as colinas. Afastou de si qualquer pensamento carinhoso pelo irmão e encheu-se de amargura. Bashar perseguiu-o pelas colinas e até às montanhas. Então, nuvens de tempestade aglomeram-se no horizonte e os relâmpagos iluminaram os céus, e a chuva começou a cair sobre eles.

Dariel tocou no pulso do pai com um dedo.

— Isso é verdade?

Debruçando-se sobre ele, Leodan murmurou:

— Todas as palavras são verdade.

— Eles deviam ter feito turnos — disse Dariel, com um tom fatigado na voz.

— Quando Bashar encontrou o irmão, bateu-lhe na cabeça com o cetro. Cashen perdeu as forças nos joelhos por um instante, mas depois recuperou do golpe e atacou novamente Bashar. Desta vez Bashar girou o seu cetro no ar e acertou nos joelhos do irmão, fazendo-o cair de costas. Atirou o cetro ao chão e agarrou o irmão, ergueu-o e caminhou com

o corpo dele sobre a sua cabeça rumo ao precipício. O vento agitava-se e uivava em seu redor, mas, mesmo assim, conseguiu chegar à beira do abismo, de onde atirou o irmão para o vazio.

— Mas Cashen não morreu. Caiu aos trambolhões pela encosta abaixo. Depois pôs-se novamente em pé e começou a correr. Circundou o vale e foi dar ao outro lado. Ao chegar ao cume da montanha mais distante, um relâmpago rompeu os céus. A luz era ofuscante e ele teve de proteger os olhos. Quando conseguiu voltar a ver, Bashar viu que Cashen fora atingido pelo raio. Porém, em vez de cair morto no chão, o seu corpo tremia, tomado por uma corrente. Uma luz azulada percorria-lhe a pele e a carne queimada. Contudo, não morreu. Começou novamente a correr e agora era mais veloz do que nunca. Dava passadas enormes, subiu ao pico da montanha mais distante e deu um salto sobre ela sem um olhar de relance para trás, para o irmão.

Mena deixou que o silêncio durasse um instante e depois perguntou:

— É assim que acaba?

Leodan fê-la calar-se e acenou para Dariel, indicando que este adormecera.

— Não — respondeu, pegando no rapaz ao colo. — Não acaba assim, mas é o fim da história por esta noite. Bashar compreendeu que algum deus descera e abençoara o irmão. Soube então que iriam ser inimigos numa longa e difícil batalha. Para dizer a verdade, ainda hoje combatem.

Leodan pôs-se de pé. Dariel estava aninhado nos seus braços, adormecido.

— Por vezes, se escutarmos com atenção, conseguimos ouvi-los a atirarem pedras um ao outro nas montanhas.

Observando o pai enquanto este passava pela porta aberta e desaparecia na direção da luz amarela da lâmpada do átrio, Mena lutou com uma súbita vontade premente de o chamar. Esta chegou-lhe como uma corrente de ar, como se tivesse estado a conter a respiração inconscientemente. Era como que a súbita e terrível certeza de que o pai desapareceria por aquele corredor para nunca mais o ver. Quando era mais pequena, costumava chamá-lo várias vezes, para que este a consolasse, com histórias e promessas, até a paciência dele se esgotar ou até ela adormecer de cansaço. Porém, ultimamente, ficava embaraçada com qualquer emoção que sentisse ao separar-se dele. Era um fardo que tinha de suportar, e suportava-o.

Apercebeu-se de que enrolara a roupa da cama nos próprios punhos. Tentou soltar os dedos e acalmar-se. Era um medo sem substância,

disse a si própria. Leodan dissera-lhe isso mesmo muitas vezes. Nunca a deixaria. Prometera-lhe isso com a total e inegável certeza de pai. Porque não conseguiria ela simplesmente acreditar nele? E por que razão o desejo de acreditar nele lhe parecia uma desfeita à sua defunta mãe? Ela sabia que muitas crianças da sua idade nunca haviam sofrido a perda de um dos pais. Mesmo a dormir, Dariel não se lembrava da mãe o suficiente para lhe sentir a falta. Nada sabia do que fora perdido. Que coisa tão boa, aquela ignorância. Se, ao menos, tivesse sido ela a mais nova a nascer, em vez de Dariel. Não tinha a certeza de aquilo ser um pensamento mau, injusto para com o irmão, mas ficou muito tempo a pensar naquilo.

## CAPÍTULO

### TRÊS



Thaddeus Clegg viu, assim que entrou na sala, que a mulher estava prestes a desmaiar de exaustão. Encontrava-se no meio do aposento iluminado por tochas, de frente para a parede mais afastada, com a silhueta delineada pelo brilho alaranjado do fogo da lareira. Balançava-se de um lado para o outro com os movimentos desajeitados e desequilibrados de alguém profundamente fatigado. Tinha a roupa tão suja e amarrotada como a de uma camponesa, mas, por entre a poeira acumulada e o encardido do manto, Thaddeus vislumbrou o brilho da sua cota de malha. O solidéu apertado do elmo distinguiu-se perfeitamente com o seu único tufo de crina amarela no cimo.

— Mensageira, — pronunciou Thaddeus — perdoa-me por te ter feito esperar em pé. Os meus criados prendem-se às formalidades mesmo perante os factos mais óbvios.

Nos olhos da mulher surgiu um fulgor ao fitá-lo.

— Porque me mantiveram aqui, chanceler? A mensagem que trago é para o rei Leodan, por ordem do general Leeka Alain, da Guarda do Norte.

Thaddeus virou-se para o criado, que o seguira como uma sombra enquanto ele entrava na sala, e ordenou-lhe que trouxesse um prato de comida à mensageira. Quando o criado saiu, Thaddeus indicou à mulher que se sentasse num dos sofás atrás dele. Demorou um pouco a convencê-la, mas, quando ele se sentou, a mensageira seguiu-lhe o exemplo. Ele explicou-lhe que ela se encontrava ali precisamente por a mensagem que trazia ser para o rei. Como chanceler, ele recebia em primeiro lugar todos os comunicados.

— Certamente saberás isso — disse ele, com um leve tom de repreensão na voz.

Com cinquenta e seis anos de idade, Thaddeus perdera já a beleza da juventude. O sol constante dos verões acacianos esculpira-lhe profundas rugas na pele, que pareciam multiplicar-se de cada vez que se via num espelho de mão. Contudo, sentado sob a luz tremeluzente da lareira, de braços cruzados sobre o colo e sob cetim vermelho escuro da capa de inverno que o envolvia, o chanceler parecia perfeitamente à vontade no seu posto como confidente do governante do maior império do Reino Conhecido. Nascera alguns meses depois de Leodan Akaran, numa família quase tão nobre, mas desde cedo que lhe haviam dito que a sua missão seria servir o futuro rei e não aspirar a tais alturas para si próprio. Era um confidente leal, o primeiro a escutar qualquer segredo, os olhos que viam o monarca como só aos familiares mais chegados do rei era permitido vê-lo. Tinham-lhe destinado a missão e o estatuto desde a nascença, como fora o caso das vinte e duas gerações de chanceleres antes dele.

O criado voltou, trazendo uma bandeja com pratos de ostras fumadas e anchovas, uvas e dois jarros, um com água e o outro com vinho. Thaddeus indicou à mulher que se servisse.

— Que não haja discórdia entre nós — disse ele. — Vejo que és um soldado zeloso, e, pelo aspeto do teu traje, tiveste uma viagem difícil. O Mein deve ser um tormento gelado nesta altura do ano. Bebe. Retempera forças. Lembra-te de que te encontras no interior das muralhas de Acácia. E depois diz-me o que tens a dizer.

— O general Alain envia...

— Sim, disseste-me que o Leeka te enviou. Não foi o governador que te ordenou para vires?

— Esta mensagem vem do general Alain — respondeu a mensageira. — Ele envia os seus cumprimentos e afeto mais dedicados, ao rei e aos seus quatro filhos. Que tenham uma longa vida. Jura a sua lealdade, agora como sempre, e pede ao rei que ouça as suas palavras com atenção. São a pura verdade, mesmo que a sua mensagem possa parecer inacreditável.

Thaddeus olhou para o criado. Depois de este sair do aposento, o chanceler disse:

— O rei ouve através de mim.

— Hanish Mein está a planear uma guerra contra Acácia.

Thaddeus sorriu.

— Não é provável. Os Mein não são loucos. São poucos. O Império Acaciano esmagá-los-ia como formigas debaixo de um pé. Quando é que Leeka se tornou num...

— Senhor, perdoai-me, mas ainda não acabei o meu relato. — A

## ACÁCIA

mensageira parecia triste por este facto. Por um momento, esfregou os olhos. — Não é apenas com o Mein que teremos de lutar. Hanish Mein firmou uma aliança com o povo de além dos Campos Gelados. Vieram pelo teto do mundo e prosseguiram para sul, até ao Mein.

O sorriso do chanceler esmoreceu.

— Isso não é possível.

— Senhor, juro pelo meu braço direito que vieram até ao sul aos mihares. Pensamos que fizeram isso mediante um apelo de Hanish Mein.

— Ele saiu do Mundo Conhecido?

— Os vigias viram-nos chegar. São um povo estranho, bárbaro e cruel...

— Os estrangeiros são sempre vistos como bárbaros e cruéis.

— São mais altos do que um homem normal em mais de uma cabeça. Cavalgam criaturas com muito pelo, com cornos, que esmagam os homens com as patas. Vêm não só com soldados, mas com mulheres e crianças e os seus idosos, trazendo carros enormes que parecem cidades em movimento, puxados por centenas e centenas de animais que nunca antes foram descritos por ninguém. Diz-se que trazem torres de cerco sobre rodas, e outras armas estranhas, e conduzem grandes manadas de gado....

— Estás a descrever nómadas errantes. São invenções fantasiosas de um mentiroso.

— Se são nómadas, não se parecem em nada com o que foi visto no nosso mundo. Saquearam uma cidade chamada Vedus, no norte distante. Digo que saquearam, mas, na verdade, simplesmente passaram sobre ela. Nada deixaram atrás, agarrando em tudo o que fosse de algum valor e levaram-no com eles.

— Como sabes que Hanish Mein tem algo a ver com isto?

A mensageira fitou o chanceler nos olhos. Não devia ter mais de vinte e cinco anos, mas havia mais do que sofrimento e perseverança no seu rosto. Thaddeus acreditara muitas vezes que isto era patente em todas as mulheres-soldado. Elas eram, na maioria, talhadas em aço mais fino do que um homem comum. Ela sabia do que estava a falar, e ele deveria reconhecê-lo.

Thaddeus levantou-se e indicou à mulher um grande mapa do império que se encontrava na parede mais afastada.

— Mostra-me essas coisas no mapa. Conta-me tudo o que puderes.

Durante a hora seguinte, os dois continuaram a conversar: um fazia as perguntas, cada vez com mais gravidade, o outro ia respondendo com toda a convicção. Thaddeus não podia deixar de imaginar a desolação do lugar de que falavam. Nenhuma outra região do Mundo Conhecido era

tão perturbadora como a Satrapia do Mein. Era um planalto onde a vida era dura, no norte, um território de invernos de nove meses, habitado por um povo de raça loura que conseguira ali sobreviver. O planalto tinha o nome do povo que o habitava, mas os Mein não eram originários daquela região. Haviam sido outrora um clã do Continente, oriundo do sopé das Montanhas de Senival, não muito diferentes dos antigos acacianos. Após uma expulsão anterior — às mãos dos antigos Akaran — tinham-se estabelecido ali e haviam sido forçados a chamar àquelas terras o seu lar, durante vinte e duas gerações, tal como os Akaran tinham feito de Acácia a sua base durante o mesmo período de tempo.

Os Mein eram um povo tribal, guerreiro e brigão, tão duro e propenso à crueldade quanto a paisagem que habitavam, com uma cultura erguida em volta de um panteão de espíritos vingativos chamados Tunishnevre. Mantinham um orgulho comum na sua ancestralidade partilhada, que protegiam, vivendo uma existência isolada. Os casamentos ocorriam só dentro da sua raça e condenavam o cruzamento com outras raças. Devido à sua pureza racial, qualquer homem do Mein podia reclamar para si o trono, desde que o ganhasse através de um duelo de morte chamado Maseret.

Este sistema causava mudanças rápidas no poder, com cada novo chefe tribal a ter de ganhar a aprovação do povo. Uma vez coroado, o novo chefe tomava o nome da raça para si, o que indicava que representava todo o povo. Por conseguinte, o atual líder, Hanish, da linhagem Heberen, tornara-se Hanish Mein, no dia em que combateu no seu primeiro Maseret e garantiu a coroa do seu falecido pai. O facto de Hanish se roer de ódio por Acácia não era nada de novo — certamente não o era para o chanceler. Porém, este soldado contava-lhe acontecimentos que ultrapassavam a sua imaginação.

Instada por Thaddeus, a mensageira comeu toda a comida no prato. Foi-lhe trazida mais, desta vez com queijo, do género muito duro que tinha de ser cortado com uma faca afiada. O chanceler cortou fatias para ambos, e depois recuou com a faca na mão. Contemplou o seu reflexo na lâmina enquanto a escutava.

A mensageira tentou vencer a sonolência, mas, à medida que a noite se transformava em madrugada, cerrou as pálpebras.

— Receio ela estar quase a adormecer, — proferiu por fim — mas expliquei-lhe tudo. Posso agora ter uma audiência com o rei? Estas coisas são para ele ouvir.

À menção do rei, Thaddeus teve um pensamento inesperado, completamente diferente do que teria esperado naquele momento. Recordou-se de um dia, no verão que passara, quando encontrara Leodan no

labirinto dos jardins do palácio. O rei estava sentado num banco de pedra num recanto, emoldurado de ambos lados pela antiga pedra coberta de videira que fora a fundação da primeira e mais modesta morada do rei. O filho mais novo, Dariel, estava sentado ao seu colo. Juntos estudavam um objeto que o rapaz tinha na mão. Quando Thaddeus se aproximou, o rei olhou para ele com uma expressão maravilhada e plena de alegria e disse:

— Thaddeus, anda ver. Descobrimos um inseto com asas pintalgadas.

Dissera aquilo como se fosse a coisa mais importante do mundo, como se fosse tão criança quanto o seu filho. Thaddeus gostava mais do rei durante estes momentos, da expressão tranquila, à luz do dia, com os olhos desanuviados da brama que o atormentava à noite. Nesses noturnos momentos sombrios, podia ser muito maçador estar perto dele, mas com os filhos... bem, com os filhos era um louco que se lembrava da juventude. Um louco sábio capaz ainda de se maravilhar com o mundo...

— Chanceler?

Thaddeus sobressaltou-se. Apercebeu-se de que tinham permanecido os dois sentados em silêncio. A mensageira distraíra-se por estar tão cansada, tal como ele fora apanhado no seu devaneio. Sentiu a ponta afiada da faca do queijo contra um dedo.

— O rei terá de ouvir tudo isto de imediato. Dizes que o general Alain te enviou diretamente para aqui? Não falaste sobre este assunto com os governadores?

A mensageira respondeu num tom vivaz.

— A minha mensagem é para o rei Leodan.

— Tal como deve ser. — Thaddeus mexia num dos lóbulos da oreilha. — Fica aqui sentada um momento. Irei tratar de uma audiência com o rei. Fizeste-nos um grande serviço.

O chanceler levantou-se. Agarrava ainda a faca, mas começou a afastar-se como se se tivesse esquecido disso, levando-a na mão com ar ausente. Ao passar pela cadeira da mensageira, parou atrás dela e voltou-se. Deslizou a faca nos dedos e agarrou no punho com a mão cerrada e branca. No mesmo momento, agarrou na frente da mulher e rasgou-lhe a garganta de um lado ao outro. Não tivera a certeza de que aquela ferramenta servisse para aquele propósito e usou mais força do que a que teria sido necessária. Mas o trabalho estava feito. A mensageira tombou para a frente sem uma palavra de protesto. Permaneceu um instante atrás dela, com a faca apontada para um lado, e do punho que a agarrava pingava lentamente um fio púrpura. Num esforço consciente abriu a mão. A arma caiu no chão, tilintando, e depois parou.

Thaddeus não era o servidor inteiramente leal que parecia, e, pela primeira vez na sua vida, demonstrava-o com um ato sangrento que não poderia anular. A dura verdade deste facto espantou-o. Lutou por se manter firme e ordenar os pensamentos, por se focar nos pormenores da ação. Teria de mandar embora os criados, e depois livrar-se do corpo daquela mulher-soldado e arrumar a confusão da sala. Levaria o resto da noite a fazê-lo, mas nem sequer teria de sair da sua habitação. Havia um calabouço por debaixo da sala onde se encontrava agora. Teria apenas de arrastar o corpo da mulher pela escadaria serpenteante que lá ia dar; atirá-la lá para dentro; fechar a porta; e abandoná-la aos ratos, insetos e vermes que lhe limpariam os ossos, imperturbados.

Lidar com as ramificações morais do que acabara de começar não seria assim tão fácil.

## CAPÍTULO

## QUATRO



Como todos os filhos de casas nobres, Aliver Akaran fora criado na opulência. Ao acordar, encontrava sempre os chinelos arrumados no seu lugar, no chão, a seu lado, e pétalas de flores na bacia de água perfumada onde lavava o rosto. Desde o momento em que começara a comer alimentos sólidos, cada refeição que comia era preparada segundo os mais altos padrões culinários, com os melhores ingredientes, com o efeito no paladar tomado em conta ao mínimo pormenor. Nunca entrara numa sala fria em dias de inverno, nunca preparara o seu próprio banho ou molhara as mãos a lavar roupa. Nunca observara sequer a lavagem da louça suja de uma refeição. Se lhe perguntassem, teria de recorrer à imaginação para descrever o processo pelo qual os objetos eram lavados, remendados, substituídos. Vivia no centro de uma grande ilusão. A mais agradável das ilusões, na qual o mundo funcionava inteiramente para sua satisfação. Contudo, aos dezasseis anos, nada disto o impedia de ver o mundo através de um olhar enfadado.

Ao deixar os seus aposentos privados, uma semana depois do passeio à beira-mar com o pai e os irmãos, o príncipe pegou nos sapatos de pele com que treinava e colocou sobre os ombros o colete de esgrima. No corredor fora do seu quarto passou por entre os guardas que permaneciam como estátuas de ambos os lados da porta, e depois por uma fileira de manequins autênticos alinhados numa parede. Estas figuras do tamanho de um homem eram talhadas em pinho até ao mínimo pormenor humano, e polidas em texturas tão macias como a pele, que lembrava a carne sobre os ossos. Tinham sido colocadas em posições diferentes e vestiam trajes militares de várias nações: um batedor talayano, com a madeira tingida de um tom quase negro para imitar a cor da sua pele, uma lança de em ferro entre os dedos da mão direita, um soldado de

infantaria senivaliano, numa armadura de escamas, de comprida espada curva à cintura; um cavaleiro do Mein, com a característica couraça peitoral grossa, envolto em peles que pendiam em bandas; um guerreiro vumu, adornado com penas de águia, e acacianos, nos seus variados uniformes aprumados, de braços nus, com calças largas que fluíam sob uma fina cota de malha.

Os aposentos de Aliver tinham mais objetos de guerra do que o rei gostaria. O pai observara uma vez que Acácia tinha supervisionado um império largamente pacífico durante gerações. Porém, sobre este assunto, o príncipe não dava importância à desaprovação do pai. A sua interação diária com os seus companheiros era uma competição muito mais desafiante do que a sua relação com o pai. Leodan já não andava na vida no meio de uma multidão de jovens. Aliver, por outro lado, ainda teria de passar pelos seus desafios da masculinidade. Do seu ponto de vista, todas as grandes conquistas de que o pai desfrutava haviam sido possíveis graças à bravura de homens e mulheres dispostos a empunhar armas. Haviam sido as suas anteriores proezas militares que tinham permitido aos seus antepassados submeter os diferentes elementos rivais do Mundo Conhecido e unificá-los num conjunto de nações que beneficiava a todos. Como, a não ser pela força, poderia isto ter sido alcançado? Como, a não ser pela ameaça da força, poderia tudo aquilo ser mantido?

Nos momentos de irritação, Aliver imaginava o pai a tentar controlar aquela ralé do passado para lhes explicar as virtudes da paz e da amizade. Teriam corrido com ele às gargalhadas, para longe da fogueira do acampamento. Tê-lo-iam exposto ao frio, cuspidos sobre ele e lhe chamado covarde. E depois, teriam começado a batalha feroz que decidia as coisas neste mundo. Por vezes, enquanto imaginava estas coisas, Aliver ia em socorro do pai, de espada em punho; outras vezes mantinha-se simplesmente a observar. Não se tratava de não amar o pai. Gostava imenso dele. Odiava-se por pensar tais coisas. Estes pensamentos vinham ter com ele espontaneamente, e não eram mais fáceis de dominar do que as inexplicáveis pontadas de desejo carnal que o atormentavam nos últimos anos. Mas não era essa a questão. O que importava era que os Akaran eram os senhores benevolentes de um reino magnífico. Assim tinham sido durante vinte e duas gerações, e assim continuariam a ser por muito mais tempo ainda, se Aliver tivesse uma palavra a dizer no futuro. Era por isso que levava tão a sério as artes da guerra.

O caminho até ao salão de treino Marah levou apenas alguns minutos, a maior parte a descer. O edifício do palácio, a cidade lá em baixo, a ilha e o mar em volta espriavam-se perante Aliver. Era difícil calcular a escala do que o rodeava. Os edifícios mais próximos eram estruturas

## ACÁCIA

volumosas e maciças de pura arquitetura acaciana. As estradas escavadas no perfil ziguezagueante que o declive natural da encosta exigia. Para lá dos portões moviam-se figuras ao longo do lado visível da estrada principal, minúsculas como alfinetes em marcha lenta, como carraças percorrendo o braço de um homem. As torres da cidade baixa eram pouco mais do que agulhas de costura apontando para cima, tão minúsculas que se poderiam esmagar entre o indicador e o polegar. Era difícil imaginar que tudo aquilo começara com uma simples fortaleza construída por Edifus, uma estrutura defensiva empoleirada lá no alto, de modo que o inquieto monarca pudesse perscrutar os mares em volta, com medo de que os seus recém conquistados súbditos se pudessem ainda unir contra ele.

Corado devido à rápida caminhada, Aliver entrou no amplo espaço suportado por pilares. Estava iluminado com candeias penduradas na parede ou assentes em tripés e por gretas nos tetos que lançavam raios oblíquos de sol na pedra cinzenta e esbranquiçada do salão. O cheiro do óleo queimado era quase adocicado, mais forte do que o odor a fumo dos fogões acesos que mantinham o espaço aquecido. Saudou os seus instrutores, acenou a outros jovens que entraram com ele, na maioria rapazes, embora algumas raparigas também frequentassem os treinos. Recebiam treino militar em pé de igualdade com os seus colegas masculinos. Na verdade, as mulheres constituíam quase uma quarta parte das forças armadas de Acácia. Contudo, neste treino Marah, eram todos filhos de aristocratas, destinados a postos de altas patentes como representantes e funcionários do governo. Muitos deles pertenciam à casta dos Agnate, o grupo privilegiado que podia atestar ter uma ligação ancestral à árvore genealógica de Edifus.

O príncipe sabia que os anteriores governantes Akaran haviam formado laços apertados com os seus jovens companheiros. Dizia-se que o seu avô, Gridulan, andava sempre com treze companheiros masculinos, jantando e dormindo com eles, governando e casando num emaranhado cerrado de relacionamentos. Apesar de os seus companheiros serem deferentes para com ele, Aliver não encontrara esse sentimento de ligação de grupo. Tentava desdenhar a ausência dessa relação e valorizar a sua independência de espírito e posição, mas receava que algo lhe faltasse no carácter, algo que ele parecia impotente para corrigir.

Aliver sorriu ao ver Melio Sharratt, um jovem da sua idade, entrar. Melio era o mais próximo de um amigo que o príncipe podia ter. Haviam nascido apenas com poucas semanas de diferença, e, desde as primeiras aulas que tinham tido juntos, a inteligência bondosa nos olhos do rapaz atraía Aliver para ele. Durante algum tempo, quando tinham ambos dez

anos, passavam dias e dias a esconderem-se nos labirintos do palácio, fazendo um jogo em que um deles se tornava o contador de histórias e o outro o personagem principal, numa brincadeira que invariavelmente se tornava um conto de guerra e aventura, de bestas fantásticas chacinadas, e em que o mal era sempre vencido. Aliver sentia-se bem com Melio, de uma maneira que não se sentia com os outros. Contudo, apesar do seu apreço pelo rapaz, o príncipe nunca descartou completamente a sua distância para com ele, ou para qualquer um dos outros. Nem mesmo quando crescera, à medida que a adolescência mudava e alterava o seu corpo e as suas emoções. Por isso, o sorriso que outrora teria sido amigável transformara-se em algo difícil de definir.

— Viva, príncipe — saudou Melio. — Espero que este dia te encontre bem.

— Estou bem — respondeu Aliver, olhando para lá dele como se houvesse algo ao fundo da sala de treinos que o interessasse.

Melio afastou com os dedos as longas madeixas de cabelo negro da testa e, afavelmente, imitou Aliver na observação dos outros alunos enquanto iam entrando.

— Tens praticado a tua Quinta Forma? Vi que o Biteran te estava a treinar na semana passada. Se passaste a prova, poderás começar a treinar com a lança.

— Passei a prova — respondeu Aliver. — Deverias estar é preocupado contigo. Ajudar-te-ei a passares a Quarta Forma, se precisares.

— Tu? — perguntou Melio, rindo. — O meu tutor real? — Tinha um rosto que passaria despercebido numa sala, exceto quando sorria. Nessa altura, todos os traços das suas feições encaixavam como se tivessem sido moldadas apenas para o júbilo. A alvura dos seus dentes, em contraste com a tez azeitonada, conferia-lhe um brilho sadio. Ambos os rapazes sabiam que, no que dizia respeito a artes marciais, havia um desnível entre eles. Aliver poderia estar a treinar uma Forma Marah mais elevada do que os seus companheiros — tal era a longa tradição —, mas Melio fora proposto para treinar como Elite. A Elite era bastante diferente da Marah. Era um grupo ainda mais pequeno escolhido puramente pela destreza, independentemente da categoria ou estatuto social. A sugestão de que Melio pudesse juntar-se-lhes era uma honra que significava que os instrutores viam capacidades invulgares no jovem.

— Olha, lá está Hephron — disse Melio. — Está a tornar-se bastante bom. Imobilizou o pai do Carver no outro dia. Acredita que o velho homem se surpreendeu.

Enquanto falava, Melio apontou para o rapaz em questão com o queixo. Hephron Anthalar era um ano mais velho do que a maioria dos

jovens, mais alto uma cabeça, com cabelo arruivado caindo em caracóis. Os Anthalar eram também Agnates, uma casta de linhagem que se cruzara por diversas vezes com os Akaran através de casamentos. Hephron possuía linhagem real. Podia, de facto, contar os passos entre si e o trono com os dedos das duas mãos. Caminhava com os seus seguidores muito perto de si; um grupo de bajuladores que não o largava, porque o estatuto de estar na sua sombra era maior do que o que qualquer um deles poderia arranjar isoladamente.

Hephron fez uma vénia ao chegar junto do príncipe, um movimento que os companheiros imitaram com deferência menos fingida e mais autêntica.

— Príncipe, — inquiriu ele — estais preparado para combater os fantasmas?

Aliver percebeu de imediato ao que ele se referia e sentiu a ferroadada. Uma peculiaridade do seu treino era que, após a palestra e as demonstrações iniciais, Aliver e os outros rapazes separavam-se. Os outros juntavam-se em pares e combatiam entre si com espadas acolchoadas, por vezes usando outras em madeira; armas que não possuíam lâmina cortante, mas que, mesmo assim, podiam causar algum golpe doloroso, ou até partir algum osso, se manejadas com destreza. Aliver, por outro lado, treinava apenas com um instrutor que lhe ia ensinado as Formas clássicas, com o professor atento ao mínimo pormenor da postura e posicionamento do aluno, a respiração, a posição da cabeça ou até o olhar. Usando as espadas de madeira, esgrimiam juntos em movimentos lentos, apurados à precisão máxima. Nisto, Aliver considerava-se especial. O seu treino tinha a pureza que sempre o manteria aparte dos outros. Era um dom de invejar. Assim o acreditara até Hephron minar tudo com uma simples pergunta.

— Fantasmas? — perguntou Aliver. — Não acredito em fantasmas, Hephron. Acredito, sim, que os instrutores sabem bem qual é a melhor forma de treinar o próximo rei da nação.

— Sim — retorquiu o outro. — Creio que sabem. Bastante bem, como sempre. — Ao afastar-se, lançou um olhar para cima, em sinal para os companheiros. Pronunciou qualquer coisa ainda, que Aliver não conseguiu ouvir, e os outros afastaram-se, murmurando divertidos.

Aliver tentou esquecer Hephron nas horas que se seguiram. As lições começaram com a palestra. Hoje cabia a Edvar dá-la a, um homem de pescoço taurino, de origem mista, cuja ancestralidade Candoviana era denunciada pela rudeza do seu tronco em forma de barril. Falou sobre a técnica do bloqueio mole de espada, uma tática defensiva em que se contrapunha ao ataque do adversário o mínimo de força necessária.

Era arriscado, explicou ele. Não se devia subestimar a força do adversário, mas era uma manobra valiosa em que se podia usar a energia do adversário para dar início aos nossos próprios movimentos, por isso começando o movimento seguinte com um impulso, antes de o inimigo ter recuperado. Era um método de poupar energia quando enfrentassem um combate longo, como o de Gerta ao enfrentar os gémeos Talack e Tullus e os seus cães-lobo.

Depois disto, os alunos dividiram-se para praticarem as Formas. Eram exercícios de rotina, com origem em reconstruções muito antigas de sequências específicas, usando movimentos de pessoas célebres em antigas batalhas. A primeira era a de Edifus, em Carni, quando lutara sozinho contra um chefe tribal. A segunda era Aliss, uma mulher de Aushenia que matara o Louco de Careven apenas com uma espada curta. Era uma Forma única, na qual nem os habitantes de Aushenia veneravam tanto Aliss quanto os acacianos o faziam. Na verdade, o Louco de Careven era tido como um herói pelos povos de Aushenia, visto ter lutado para proteger as suas antigas religiões contra o movimento secular que Aliss promovia. A Terceira Forma era a do cavaleiro Bethenri, que fora para a batalha com as forquilhas do diabo, armas pequenas, semelhantes a adagas, mas com dentes longos ao longo da lâmina central. As mãos mais hábeis usavam esta arma para arrebatrar as espadas dos adversários.

Seguiam-se outras Formas, cada uma mais complicada que a antecedente, até chegar à Décima e mais difícil, a de Telamathon contra os Cinco Discípulos do deus Reelos. Aliver tinha as suas dúvidas sobre se Telamathon, os Cinco Discípulos ou o deus Reelos teriam realmente existido, mas estava ansioso por aprender a Forma. Uma grande parte desse exercício, sabia, narrava como Telamathon lutara sem armas e com um ombro deslocado. Mesmo tão incapacitado, conseguira derrotar os adversários com um turbilhão deslumbrante de pontapés desferidos do ar.

Os outros alunos andavam a trabalhar na Quarta Forma. Aliver, por tradição, praticava a Quinta Forma, aprendendo o método pelo qual o Sacerdote de Adaval tratara dos vinte guardas com cabeça de lobo, do culto rebelde de Andar. O príncipe começara agora a estudá-la. Durante a maior parte da lição, manteve-se a segurar o bastão de madeira de bétula, escutando o que lhe contavam e tentando imaginar a cena que o seu instrutor lhe descrevia. Como era habitual, a Forma pormenorizava um triunfo quase impossível, com o velho sacerdote conseguindo partir cabeça após cabeça de lobo, usando como arma um mero galho.

Por vezes, Aliver sentia nele os olhares dos outros companheiros.

Havia alturas em que não conseguia evitar olhar para eles, quando se encontravam entre os pilares, quase uma centena de jovens aos pares, executando os movimentos sincopados da esgrima. De vez em quando, um dos alunos era atingido por um golpe mais hábil de outro. Com as espadas acolchoadas, aquilo era quase um prazer, algo de que se riam, enquanto iam fazendo juramentos e promessas de vingança. Já não era assim quando as duras espadas de madeira de freixo atingiam a coxa de alguém ou alguma costela desprotegida. Aliver nunca era atingido por esse contacto e estava perfeitamente ciente disso de cada vez que ouvia algum grito de dor.

Quando a lição do dia acabou, os instrutores deixaram os alunos repor as armas no sítio onde as guardavam. Como filhos e filhas privilegiados que eram, deveriam ainda aprender a reverenciar os instrumentos de guerra. Aliver, mais uma vez misturando-se aos outros, fez o seu melhor para trocar piadas de um modo natural. Tentou proferir comentários casuais, as brincadeiras e anedotas próprias da juventude. Porém, o que parecia sair perfeitamente à vontade dos outros, era para Aliver tão difícil e requeria tanto esforço como qualquer outra coisa no seu treino.

Foi com um sentimento de alívio que calçou as botas de pele, se pôs em pé e arrumou o seu traje e chinelos de treino. Ao passar por um grupo de rapazes, junto à saída, Hephron surgiu de repente de um recanto escondido. Começou a falar baixinho, ostensivamente, com um jovem perto dele, mas suficientemente alto e no momento exato para que o príncipe ouvisse.

— Interrogo-me como podes perder quando lutas só com o ar, ou como vences? Estranho como alguns de nós medem forças uns com os outros enquanto que outros nem sequer são testados.

A saída para o corredor estava apenas a alguns passos. Aliver podia ter saído por lá em breves segundos. Em vez disso, virou-se para trás.

— O que dissesteis?

— Oh, nada disse, príncipe. Nada de importância.

— Se tendes alguma coisa a dizer-me, falai.

— Apenas vos invejo, claro — respondeu Hephron. — Praticais esgrima, mas nunca vos batem na cabeça como nos acontece a nós.

— Quereis bater-vos comigo, então? Se achais que o meu treino é insuficiente...

— Não. Claro que não... — na voz de Hephron surgiu um tom cauteloso. Olhou para os companheiros, tentando perceber se fora longe demais ou se poderia ainda ir mais longe. — Não quero ser eu a magoar a carne real. O vosso pai cortar-me-ia a cabeça por isso.

— O meu pai não quer a vossa cabeça para nada. E quem diz que me tocarieis, ou sequer, que me magoarieis?

Hephron tinha uma expressão triste, algo em que Aliver pensaria mais tarde, embora mal o notasse no calor na discussão.

— Não precisamos de fazer isso, — retorquiu ele. — Não vos quis ofender. O vosso treino é justificadamente diferente do nosso. De qualquer modo, nunca precisareis de combater numa verdadeira batalha. Todos sabemos disso.

Embora Hephron tivesse pronunciado estas palavras com alguma sinceridade, Aliver captou apenas os aspetos que lhe pareceram uma provocação, um insulto. O príncipe olhou para a prateleira onde se encontrava o equipamento.

— Bater-nos-emos tal como fazeis com os outros, com espadas de madeira. Não vos coíbeis de nada. Tocai-me, se conseguirdes. Tendes a minha palavra em como não me ofendereis.

Alguns momentos depois, equipados a rigor, os dois jovens confrontaram-se no meio de um círculo silencioso formado pelos outros alunos, muitos deles olhando por cima do ombro, para trás, receosos de que um instrutor regressasse. Hephron tinha um estilo de esgrima que iludia o adversário. Nada fazia com um ritmo claro e previsível. Variava os movimentos e até a direção do golpe em movimentos quase imperceptíveis. Esquivava-se de um certo modo durante algum tempo, de pulso solto, com a espada a delinear arcos que varriam o ar. No preciso momento em que Aliver se antecipava e quase se sentia à vontade no ritmo, Hephron mudava a meio do golpe. Baixava a direção alguns centímetros. Mudava um golpe de corte para outro de perfuração. O braço mudava tão depressa de um movimento de recuo, para baixo, para um golpe, que os dois diferentes movimentos pareciam nada ter a ver um com o outro, nenhum dos gestos sendo causa ou resultado do outro.

Durante algum tempo, Aliver conseguiu mantê-lo afastado sem ser atingido. Fazia-o com movimentos ligeiramente mais inquietos do que gostaria, girando com impulsos rápidos e reviravoltas desajeitadas com os pés, de respiração ofegante, convoluções do tronco que mal o conseguiam manter fora de alcance do outro. Sentia-se bastante à vontade empunhando a espada de freixo, mas apercebia-se de que raramente encontrava ocasião para desferir um golpe. Só executava golpes defensivos. Ambicionava encontrar um momento adequado para iniciar a sequência familiar do seu treino. Fixou-se no décimo segundo movimento da Primeira Forma, em que se afastaria de um golpe vindo da esquerda, dando um passo em frente e bloqueando o inevitável golpe de retorno; empurraria a espada do adversário para baixo e depois cortaria o ar, para

## ACÁCIA

cima, diagonalmente, para o lado direito do seu tronco. Fora com este golpe que Edifus conseguira furar as vísceras do adversário, fazendo o homem parar o tempo suficiente para a sua cabeça ficar na posição perfeita para ser decepada, um floreado desnecessário, no fundo, mas que Aliver imaginara muitas vezes.

Por três vezes deu início à sequência, mas de todas as vezes Hephron esquivou-se e mudou a estratégia de ataque. Na última vez, fê-lo tão velozmente que Aliver se encolheu, o movimento circular que lhe rasou a coroa da cabeça. Se o golpe o tivesse atingido diretamente, talvez ele tivesse mesmo tombado inconsciente. Nenhum instrutor alguma vez o atacara assim. Ouviu um dos outros murmurar qualquer coisa, um escárnio seguido de gargalhadas surdas. Apercebeu-se de quanto haviam estado silenciosos até ali, não se ouvindo um som na sala exceto o do deslizar dos sapatos nas lajes, os grunhidos dos seus esforços e o som seco das espadas de madeira batendo uma na outra.

Aliver deu por si a recuar cada vez mais, mal conseguindo evitar os golpes de Hephron, perdendo cada vez mais terreno e mais espaço. Esperava ir de encontro à parede de jovens atrás de si, mas estes moviam-se com ele, o círculo mantendo-se fixo à sua volta. Ainda se abriu quando os movimentos os levaram até junto de um pilar. Bateu com o pé na base deste. Baixou um pouco a espada, pensando por um instante que era razão bastante para parar. Vislumbrou a possibilidade de que poderiam mandar parar este exercício, sorrir e brincar com isso, sem outros danos. Porém, Hephron ganhou balanço e girou, e com a espada bateu no pilar de pedra, abaixo do queixo de Aliver.

O príncipe cambaleou para trás. Agarrou-se com a mão livre e apoiou-se nela. De novo em pé, recordou-se da raiva que causara tudo aquilo. Hephron, que louco arrogante! Parecia absurdo que o atacasse daquela maneira, como se estivesse desejoso de lhe cortar o pescoço. Viu Melio, que naquele momento estava num ponto afastado do círculo, de rosto crispado de preocupação. Isso também o aborreceu. Não queria a condescendência de ninguém. Ergueu a espada acima da cabeça e baixou-a de um golpe, desejando atingir Hephron. Mesmo que o golpe fosse aparado, desferiu com toda a força, desejando deitá-lo ao chão só com a fúria.

Contudo, Hephron parecia ter previsto isto. Esquivou-se para o lado ao pressentir o golpe de Aliver. Empunhou a espada e numa manobra célere desferiu um golpe rápido que atingiu o príncipe no ombro mesmo na articulação das omoplatas. Depois disto, o rapaz afastou-se girando o corpo, num círculo completo, e apanhou Aliver — que estava paralisado de dor — a meio do outro braço, com força suficiente

para, se fosse uma espada verdadeira, poder ferir o braço do príncipe gravemente. Aliver soltou um grito, mas Hephron ainda não acabara. Empunhou a espada e atirou-se para a frente, empurrando com o peso do corpo e colocando os braços de modo a que a ponta de madeira embotada da sua espada atingisse Aliver no peito, numa zona mortal. Já convulso com dores em ambos os braços, a força deste último golpe fez o príncipe girar para trás e cair sobre o tapete.

O sorriso de Hephron espalhou-se por todo o seu rosto. O olhar brilhava, repleto de tanta presunção que ninguém poderia conter.

— Ficasteis sem braços, senhor. Para não dizer morto. Que estranho resultado. Quem diria?

Momentos depois, Aliver levantou-se do chão, ruborizado e furioso, mais consigo próprio do que com Hephron. Que disparate fizera! Rebaixara-se ao dar ouvidos às provocações de Hephron, ao desafiá-lo, perder completamente e — isso era quase o pior de tudo — em mostrar a todos a sua frustração. Além disso, sabia ter jogado uma cartada de que não tinha necessidade. Todo o mistério da sua possível destreza desaparecera com alguns golpes. Sabia que todos rodeavam Hephron agora, dando-lhe palmadinhas nas costas, elogiando-o, rindo do seu príncipe elegante. Como poderia ali voltar novamente e executar a dança dos seus movimentos coreografados, enquanto os outros o olhavam pelo canto do olho, desdenhosos?

Melio foi ao seu encontro quando ele começava a subir uma longa escadaria.

— Aliver, — chamou, —, espera por mim!

Tocou por duas vezes no cotovelo do príncipe mas este, de ambas as vezes, o afastou. No cimo da escadaria, Melio deu um salto, colocando-se à frente do amigo, e pôs-lhe os braços em volta, fazendo-o parar.

— Vá lá. Preocupas-te demasiado com isto. Não faças isso. O Hephron não é ninguém.

— Não é ninguém? — perguntou Aliver. — Se ele não é ninguém, então o que serei eu?

— És o filho do rei. Aliver, não te vás embora. Não tenhas pena de ti próprio. Estás em crer que aquela pequena luta tem importância? Pois vou dizer-te uma coisa. — Melio recuou um pouco, mas colocou as palmas das mãos nos ombros do outro, como se querendo dizer que se estava a afastar e, no entanto, não o fazendo. — Muito bem, então a verdade é que não te igualas ao Hephron. Ele é bom. Não, espera! Não deixes que isso te aborreça. Aliver, ele inveja-te em tudo. Não sabes isso? A sua arrogância é mera pretensão. No fundo, gostaria de estar no teu lugar. Está sempre a seguir-te com o olhar. Escuta qualquer palavra que

digas ou que pronunciem sobre ti. Nas aulas, quando se senta ao fundo da aula, crava o olhar nas tuas costas tão intensamente como se quisesse perfurar-te.

— O que estás tu a dizer?

— Estou a dizer-te que Hephron é uma pessoa oca. Sabe disso e inveja-te. És um príncipe e tens uma família maravilhosa. Tens uma irmã linda... Bem, estou a brincar contigo. É verdade, mas estou a brincar. Hephron poderá vir a tornar-se um inimigo, mas também poderá vir a ser um grande amigo. Mas, por agora, não lhe dês nenhum sentimento de triunfo. Esquece o que se passou. — Melio indicou vagamente qualquer coisa atrás dele. — Volta amanhã, como se nada se tivesse passado. Brinca com isso. Fá-lo ver que as pequenas coisas que te possa fazer desaparecem num instante como a lama das tuas botas.

O ar tornou-se mais frio com a aproximação do crepúsculo, e ambos os jovens sentiram o ar gélido preencher o silêncio. Melio retirou as mãos do amigo e esfregou os braços nus. Aliver olhava para longe, o olhar perdido numa nesga de céu de tons magenta, emoldurada entre as frias sombras de dois edifícios. As silhuetas de três pássaros esvoaçaram através do espaço como dardos, perseguindo-se uns aos outros.

Aliver deu por si a dizer:

— É que faz-me parecer tão idiota. Estou furioso comigo próprio por ter deixado isto acontecer. Fiz com que... acontecesse. Nem imaginas o que isto é para mim.

Melio não discordou do amigo. Passaram-se alguns momentos de silêncio e, depois, os dois rapazes, incitados pelo frio, recomeçaram a subir o próximo lance de escadas lentamente.

— Toda a gente perde um duelo nem que seja uma vez, e todos eles sabem disso. Mas quantos deles poderiam...— procurou as palavras que exprimissem delicadamente o que queria dizer. — Bem, quantos deles poderiam ter dificultado as coisas, como acabaste de fazer, e ter a coragem de encolher os ombros e não dar importância? Isso é outro modo de se mostrar força, quer o admitam quer não. E não faças esse ar de desagrado. A expressão não te fica bem. Aliver, tu tens destreza ao manejar a espada. E as tuas Formas tradicionais são mais perfeitas do que as de qualquer um de nós. A questão é que apenas aprendeste as Formas. O combate verdadeiro tem a ver com o modo como as adaptamos, como as conseguimos encaixar no combate, forçando-nos a combinações improvisadas num instante. Tens de as deixar fluir tão rapidamente de modo a acontecerem num espaço diferente do pensamento consciente. Como quando derrubas uma faca de uma mesa e a consegues agarrar antes de cair no chão. Não consegues pensar como o

fazes, apenas acontece. É isso que deves fazer quando lutas. Então o teu espírito estará livre para lidar com outras coisas — tais como um golpe ascendente que irás dar nos tomates daquele bastardo.

— Como te tornaste tu tão sábio? — perguntou Aliver num tom algo agreste.

Melio subiu até ao cimo das escadas e virou-se para o amigo. Sorria.

— Li isto num manual. Também conheço bastante poesia. As raparigas gostam disso. Agora, ouve, poderemos combater os dois algumas vezes. Não te facilitarei as coisas, claro, mas ensinar-nos-emos um ao outro. Praticaremos a Quarta Forma, como sugeriste. Há muitas coisas que poderemos ensinar um ao outro. Que me dizes?

— Talvez — respondeu Aliver, mas já sabia qual a sua verdadeira resposta. Apenas não estava pronto para ceder tão facilmente.

## CAPÍTULO

## CINCO



∞ Não se tratava somente de rumores que corriam sobre um exército de saqueadores à solta. Nem apenas dos relatos da destruição que ocorrera em Vedus. Esse era o género de histórias exageradas que o general Leeka Alain ignorara anteriormente. Desta vez, era diferente. Desaparecera uma patrulha inteira, algures, na vastidão branca do Mein. Isso não era assim tão fácil de explicar. Havia qualquer coisa a passar-se por lá. Leeka não conseguia dormir, nem comer, nem pensar em outra coisa que não fosse nas sombras que se escondiam por trás da brancura agreste. Já enviara um mensageiro ao rei para lhe comunicar os factos de que tinha conhecimento, mas sabia que não poderia aguardar por uma resposta. Decidiu tomar as medidas que podia.

Leeka ordenou ao seu exército que partisse do quente casulo da fortaleza de Cathgergen. Mandou-o marchar sob a luz oblíqua do norte invernososo, através dos pisos glaciais do Planalto do Mein. Na fronteira leste do Mein existe uma vasta tundra chamada os Barrens, ondulante e irregular, despida de árvores, tanto devido à natureza ventosa do lugar como por a floresta que lá existira outrora ter sido cortada há séculos atrás. Viajar naquela região era difícil, mesmo na melhor altura do ano. A meio do Inverno, então, era extremamente perigoso. As matilhas de cães atrelados a trenós seguiam à frente do exército desbravando trilhos, puxando equipamento de campismo e comida suficientes para manter quinhentas almas durante pelo menos seis semanas. Os soldados marchavam arrastando as botas pesadas. Agasalhavam-se com vestes de lã, cobertos por capas de couro grosso, com as armas presas ao corpo para lhes facilitar os movimentos. Usavam luvas feitas de pele de coelho.

Haviam chegado ao posto avançado de Hardith sem contratempos inesperados. Montaram acampamento em volta de uma estrutura térrea

durante dois dias. Tal encantou os soldados ali estacionados, homens cuja missão oficial era supervisionar o trânsito na estrada, mas cuja verdadeira luta era o esforço diário pela sobrevivência no extremo isolamento. O posto avançado marcava a fronteira oeste dos Barrens. Mais para ocidente, a terra transformava-se numa série de bacias rasas onde ainda persistiam pedaços de floresta.

A três dias de viagem de Hardith, uma tempestade de neve surgiu do norte e abateu-se sobre o grupo de soldados. O nevão lançou-se sobre eles como uma matilha esfaimada, pregando-os ao chão, tentando separá-los. Perderam a estrada e passaram um dia inteiro a tentar encontrá-la novamente, sem sucesso. A neve acumulava-se em cumes serpenteantes que rolavam como ondas de um mar revoltado tornando impossível qualquer orientação. Não conseguiam seguir o movimento do Sol nem distinguir as estrelas à noite. Leeka deu ordens aos seus homens para continuarem, por navegação estimada. Era um processo moroso que deixava o grosso do exército parado durante longos períodos, o que nunca era boa coisa em tais condições.

Todas as noites, o general tentava escolher um local para montar o acampamento perto de alguma proteção natural, junto a uma serania ou a coberto de árvores, visto terem começado a encontrar alguns pinheiros junto a depressões do terreno. Os soldados cortavam lenha e construía abrigos contra o vento. Quando as fogueiras estavam a arder bem, atiravam árvores inteiras para as chamas. Mantinham-se em volta daquelas fornalhas explosivas, os rostos vermelhos e suados pelo calor das labaredas, sentindo nos olhos o aguilhão ardente da fumarada, enquanto o vento uivava contra as suas costas. Por mais alta que a fogueira estivesse ao escurecer, apagava-se invariavelmente ao longo da noite, e as cinzas e pedaços queimados de madeira eram varridos através da paisagem nevada pelo vendaval. Ao romperem a crosta gelada cada manhã, os soldados passavam horas tentando encontrar-se uns aos outros por entre os destroços, escavando e estimulando os cães a porem-se em movimento.

Ao vigésimo segundo dia, acordaram sob uma ventania medonha que soprava de norte. No ar rodopiavam cristais de gelo num redemoinho infernal que, com a força do vento, se cravavam na pele como estilhaços de vidro. Mal tinham deixado o anterior acampamento para trás quando um dos batedores surgiu, cambaleante, junto à coluna principal e pediu para falar com o general. Na verdade, nada de concreto tinha a relatar. As terras em frente eram planas até onde pudera ver. Pensava que estariam prestes a sair de uma vertente que os levaria até Tahalian. Porém, havia algo que o preocupava. Escutara um som qualquer no ar e

no terreno gelado a seus pés. Conseguira ouvi-lo porque estava sozinho, afastado do barulho do exército em movimento e do ruído dos trenós. Ao voltar, passando pelos cães dos trenós, percebeu que eles o haviam escutado também e que se estavam perturbados.

O general falou junto do ouvido do homem para que o vento não lhe roubasse as palavras.

— Que género de som?

O batedor parecia rezear aquela pergunta.

— É como que uma respiração.

Leeka falou num tom zombeteiro.

— Respiração? Não sejas louco. O que é o som de uma respiração num tempo como este? Estás doente dos ouvidos.

O general aproximou-se da cabeça do homem e tentou retirar-lhe o capuz como se lhe fosse inspeccionar as orelhas ali mesmo. O batedor deixou-o fazer isto, preocupado, insatisfeito com a sua própria resposta.

— Ou como um coração a bater. Não tenho bem a certeza, senhor. Mas está lá.

O general não mostrou sinais de achar que a mensagem do homem tivesse alguma importância, mas, algum tempo depois, afastou-se dos oficiais para meditar. Mesmo que a história do homem não passasse do efeito de uma doença, era, ainda assim, um perigo. Os batedores sabem prever mais coisas do que a configuração dos terrenos. Talvez devessem ficar onde se encontravam ou bater em retirada até ao último acampamento, onde havia ainda uma larga provisão de combustível para as fogueiras. Podiam deixar passar as tempestades, até comer as reservas de alimentos, se necessário. Afinal, encontravam-se perto de Tahalian. Mesmo que Hanish Mein estivesse a preparar alguma coisa, teriam de ser recebidos com uma aparência de cordialidade.

Foi por estar no extremo da coluna que ouviu o som, se é que ouvir é a palavra certa. Com o barulho das tropas atrás de si, o ribombar da marcha e o raspar de um trenó passando por perto, não ouviu realmente. Antes, sentiu o som, como se os ossos da caixa torácica captassem uma vibração baixa e a amplificassem no seu peito. Afastou-se alguns passos da coluna e dobrou um joelho no chão. Um dos oficiais chamou-o, mas ele acenou-lhe um punho cerrado e o homem calou-se. Leeka ajoelhou-se para tentar sentir o som que captara dentro de si, e bloquear o uivo do vento e a fricção do capuz dos dois lados da cabeça. Quando conseguiu calar tudo isto o melhor que pode, encontrou o que procurava. Era débil, sim, mas inegável. Precisamente como uma respiração. Como um bater de coração, sim... o batedor não mentira. Havia um rit-

mo naquilo, um latejar regular que se pressentia. Uma razão consciente, medida, que ocasionava aquilo...

Virou-se sobre o joelho e ordenou às tropas para fazerem formação. Correu de volta para eles, gritando à coluna para cerrar fileiras, de escudos erguidos em guarda, armas na mão. Deu ordens aos arqueiros para tirarem as setas das aljavas e desembainharem as lâminas a coberto do vento e preparem-se para disparar. Ordenou aos condutores de trenós para fazerem um círculo no meio das tropas e juntarem os cães. O mesmo oficial que antes o chamara perguntou-lhe o que descobrira. Fitou o jovem nos olhos e deu-lhe uma resposta simples.

— Há um tambor de guerra a soar.

Uma vez que o exército formou uma cunha defensiva e quinhentos pares de olhos estavam fixos na fúria cada vez maior do norte, então, por fim, todos o ouviram. Durante uma longa hora foi tudo o que fizeram. Ouvia-se o latejar constante atrás do vento, que era agora mais forte, arrastando consigo grandes flocos de neve se lhes agarravam à roupa, aos escudos e às peles que os protegiam, e até à pele gelada dos rostos, transformando os corpos imóveis em elaboradas esculturas de neve. A certa altura, a reverberação misturou-se ao bater de coração do general. Foi por isso que ficou sem respiração quando o barulho parou. Simplesmente parou. Nos momentos a seguir, Leeka compreendeu que cometera um erro. Fosse qual fosse o rufar de tambor que se estivera a ouvir, este não estivera a tocar durante horas, mas durante dias. Talvez tivesse estado a tocar durante semanas antes que o tivessem ouvido. Como poderia uma coisa daquelas ter-lhe escapado?

No entanto, não permaneceu muito tempo a meditar na questão. Por entre o manto de neve soprado pela ventania surgiu uma criatura. Um vulto avolumou-se para a frente, uma besta com cornos, lanosa e enorme, com um ser que parecia um homem a seu lado, uma figura vestida de peles e couro, empunhando uma lança soltando um uivo da boca oculta. A besta esmagou as primeiras fileiras de homens de um dos lados da guarda do general. Rasgou caminho por entre eles como se os soldados não tivessem importância alguma. Espezinhou alguns e atirou outros para o lado sem diminuir a velocidade ou alterar o curso do caminho. Desapareceu na zona mais longínqua das tropas tão depressa como aparecera. Nos poucos segundos que o general teve para contemplar o cenário contou dez mortos e mais de vinte homens a contorcerem-se na neve coberta de sangue.

Uma mão no seu ombro fê-lo voltar-se e viu — como se já o esperasse — que o cavaleiro não viera sozinho. Os restantes atacantes materializaram-se todos de uma só vez, como se a neve tivesse abrandado

## ACÁCIA

para lhe melhorar a visão. Havia tantos, uma multidão estranha como nunca vira antes. Desconfiava que aquele horror seria a última coisa que veria com os seus olhos vivos, e compreendeu que, mesmo que a sua mensagem tivesse sido transmitida, fora incapaz de avisar adequadamente o rei e o povo do império da ameaça hedionda que marchava em massa contra eles.

CAPÍTULO

## SEIS



À noite ia alta quando Leodan Akaran ouviu alguém entrar nos seus aposentos privados. Não ergueu o olhar, mas sabia quem era. Os passos do chanceler tinham um ritmo único, algo que o rei um dia atribuíra a uma certa rigidez na perna direita. Um dos criados acabara de acender o seu cachimbo de água e retirara-se. O cheiro acre da droga, a que chamavam bruma, era, naquela altura, a única coisa que lhe importava. Ao longo do dia andara com um fantasma a assombrar-lhe os pensamentos, uma criatura ávida que se lhe assemelhava a um morcego que esvoaçava sinistro em redor do crânio, de garras afiadas e finas como agulhas cravadas na sua carne até ao osso. Agarrara-o durante as reuniões da manhã, deixara-o a sós por uma hora, enquanto estivera com Corinn, mas regressara à noite com as garras ainda mais afiadas e malévolas. Aguilhoara-o enquanto jantava e roera-o quando fora deitar Dariel.

Quando Dariel lhe pedira uma história, Leodan ftnha feito uma careta. Fora somente por um instante, um segundo, em que enrugara a expressão e de que se arrependera imediatamente. O menino nem sequer reparara, mas continuava a sentir uma vergonha latente por aquela ânsia pelos seus próprios vícios enquanto ainda estava na companhia dos filhos. Onde estaria ele sem os filhos? Sem Mena que ainda — por alguns preciosos meses mais, talvez — queria que ele lhe contasse histórias? E Dariel, que se agarrava às suas palavras com uma certeza confiante que o pai sabia que o tempo iria destruir? Sem eles, seria como uma concha vazia. Que vergonha sentia por deixar que um momento com eles passasse com o cérebro distraído por outros pensamentos. Contou a Dariel a história que o menino lhe pedira e, a seguir, permaneceu ainda mais alguns instantes junto à porta do quarto do filho

## ACÁCIA

adormecido, escutando a sua respiração calma e arrependido das suas fraquezas.

Tudo isso acontecera mais cedo; a sua débil penitência estava completa. Agora, o cachimbo assentava sobre a mesa baixa à sua frente. Era uma intrincada confusão de tubos de vidro e compartimentos cheios de água e mangueiras de couro, uma das quais o rei segurava entre as pontas dos dedos de ambas as mãos. Colocou a parte mais estreita entre os dentes, tocando-lhe com a língua. Primeiro inalou suavemente. Depois — ao sentir o sabor agridoce e nauseabundo do vapor — inspirou fundo e as faces encolheram-se de encontro aos ossos do maxilar. O cachimbo borbulhou e soltou faíscas. Permaneceu encostado para a frente, de olhos fechados, consciente de que o chanceler se encontrava ao pé de si, mas sem se importar. Isto não era nada que Thaddeus não tivesse visto antes.

Quando se recostou contra as almofadas do sofá, exalou lentamente o fumo esverdeado. A criatura que o atormentava arrancou as garras do seu corpo uma a uma. Sucumbiu, desvanecendo-se no nada, levando consigo o peso pardo que carregara com ele como uma capa de granito ao longo de todo o dia. O opiáceo entorpecia os limites do mundo. Não lhe sentia as farpas. Em vez disso, sentia-se pleno de uma tranquilidade opaca, uma sensação quente, de ligação com os milhões de pessoas por todo o seu império presas à mesma droga. Camponeses e ferreiros, guardas municipais e coletores do lixo, mineiros, traficantes de escravos; nesta única coisa, ele era igual a todos eles. Era — raciocinava com o espírito apaziguado — uma oferenda secreta feita para o seu perdão.

Abriu os olhos, agora toldados e raiados de veias avermelhadas e castanhas.

— Que notícias me traz o chanceler?

Thaddeus sentara-se num divã ali perto. Tinha as pernas cruzadas pelo joelho e um copo de vinho do Porto entre o dedo indicador e o polegar. O rei contemplou a pequena taça, espantado por qualquer coisa no movimento do líquido contra o copo, na mancha que ia deixando enquanto Thaddeus o girava. Escutou o chanceler enquanto este o informava sobre os preparativos para a delegação de Aushenia. Estavam preparados, dizia, para convencer os estrangeiros tanto da sua força como da riqueza e para lhes estender uma mão cautelosa de boas-vindas. Se os aushenianos confirmassem que reconheciam a hegemonia de Acácia, tudo estaria no posto para lhes responder positivamente, se tal fosse o desejo do rei.

Leodan assentiu com a cabeça. Era essa a sua vontade, mas sabia que várias vezes antes Aushenia tinha quase estabelecido uma aliança

com Acácia, apenas para depois a deixar cair por uma qualquer disputa sem importância. Tudo o que ouvira até agora dizer sobre o jovem príncipe, Igguldan, era prometedora, mas ainda existiam aspetos dessa aliança em que ele não queria sequer pensar. Mudou de assunto, apesar de os seus pensamentos não se desgarrarem das coisas que o preocupavam.

— No outro dia a Mena perguntou sobre a Retribuição.

— O que lhe dissesteis?

— Nada. Porque teria ela de saber que lhe corre nas veias o sangue de assassinos em massa? Foi há muito tempo, e já não somos assim.

— Tendes razão ao dizer que já foi há muito tempo — retorquiu Thaddeus. — Há vinte e duas gerações... que criança conseguiria entender isso?

O rei lembrou-se de que, quando Mena lhe fizera a pergunta, vislumbrara uma sombra de dúvida nos olhos da filha, como se não aceitasse por completo as suas explicações. E não fora aquilo astuto da parte dela? Ele, afinal de contas, acabara por ter proferido outra mentira descarada. A Retribuição não tem qualquer peso nas nossas vidas? Uma mentira flagrante dita com voz melosa. Durante quanto tempo mais poderia aguentar estas coisas? Não fora somente Mena, claro, que começara a fazer perguntas. Aliver andara durante algum tempo com uma incerteza e desconfiança no olhar que parecia sempre estar prestes a explodir.

O chanceler disse:

— Devo mencionar que o convénio pediu aos governadores que intercedessem no caso que os mineiros de Prios levantaram contra...

— Terei de lidar com isso? Detesto tudo o que tenha que ver com as minas.

— Muito bem. Podemos deixar que os governadores tratem disso. Contudo, há um assunto com o qual eles não podem lidar. — Thaddeus apertou os lábios, e esperou que o rei o fitasse nos olhos. — Os representantes da Liga querem confirmar que ireis mesmo rejeitar a exigência dos Lothan Aklun para aumentar a Quota.

Estas palavras foram suficientes para aclarar a cabeça do rei dos efeitos entorpecentes da droga. Os Lothan Aklun... O acordo conhecido como a Quota... Estes dois assuntos eram o grande pecado escondido do império Akaran. Leodan chupou o cachimbo. Sentiu um desejo momentâneo de que este assunto fosse tratado pelos governadores. Na verdade, estes representantes das províncias, sedeados na populosa cidade de Alecia, tratavam da maior parte dos assuntos práticos do império. Porém, Tinhadin, o antigo rei, que fora, de muitos modos, o arquiteto do império Akaran, escrevera as linhas orientadoras da Quota de modo bastante simples e explícito. Contro-

## ACÁCIA

lo, autoridade, responsabilidade — tudo assentava sobre os ombros do monarca, um segredo conhecido de muitos, mas possuído apenas por ele. Por essa razão, a resolução deste assunto cabia ao palácio. Era pago através de um orçamento separado e contabilizado à parte de qualquer outro braço do governo. Não se falava disso, a não ser em círculos fechados, e o seu real funcionamento ocorria muito longe dali, sem o rei ver, embora muitas vezes o imaginasse. Por mais que estudasse os textos antigos, os pormenores exatos de como o acordo fora alcançado pareciam confusos a Leodan. A substância, no entanto, conseguia compreender.

Tinhadin, tendo herdado o trono recém-conquistado de seu pai e sobrevivido aos irmãos, acabou por ter de fazer guerras em várias frentes. As Guerras da Distribuição, como eram chamadas, marcaram uma época tumultuosa de grande tensão. O seu antigo aliado, Hauchmeinish do Mein, era agora um inimigo. Já não confiava nos seus fiéis feiticeiros, os Santoth. As rebeliões nas províncias deflagravam como incêndios nas colinas de Acácia durante o verão. A sua própria compreensão do mundo era deformada e horrível, e lutava com a ideia de que qualquer palavra proferida pela sua boca poderia mudar o curso da existência. Ele era também um Santoth, o maior de todos eles, mas o fardo da magia na sua língua era agora uma tortura para controlar.

Nisto surgiu uma nova ameaça vinda das Encostas Cinzentas. Existia um poder, descobrira Tinhadin, maior do que o dele. Chamavam-se Lothan Aklun. Eram das Terras Distantes, fora do Mundo Conhecido, separadas deste por um vasto oceano. Constituíam um mistério completo para o antigo rei. Do poder deles só se sabia que existia, mas Tinhadin não queria ter outro inimigo naquela altura. Fez então propostas de paz com eles, sugerindo trocas comerciais e ganhos mútuos em vez de conflitos. Os Lothan Aklun não só aceitaram a oferta como propuseram especificidades que Tinhadin não teria conseguido sequer imaginar sozinho.

O acordo devia ter parecido uma pechincha na altura. Os Lothan Aklun prometeram não atacar os territórios devastados pela guerra e acordaram em negociar unicamente e sempre com os Akaran. Tudo o que precisavam como garantia desta preferência era uma remessa anual, por barco, de crianças escravas, sem se fazerem perguntas, sem condições impostas sobre o que fariam com elas e sem possibilidade alguma de as crianças alguma vez voltarem a ver Acácia. Em troca disso, ofereciam a Tinhadin o opiáceo, um instrumento que, como prometiam, ele iria achar da maior utilidade para sedar os seus rebeldes.

Mais tarde, o tratado viria a ser desenvolvido, mas, em termos gerais, o acordo foi feito. Desde então, milhares e milhares de crianças do Mundo Conhecido haviam sido embarcadas para cativo e milhões de pessoas sob o domínio Akaran haviam trocado a vida, o trabalho e os sonhos pelas visões fugazes trazidas pelo opiáceo. A mesma droga que Leodan consumia todas as noites. Esta era a verdade de Acácia.

— Exigência? — perguntou por fim Leodan. — Chamas a isso uma exigência?

— No tom, sim, meu amo, tem o tom de uma firme certeza para o ser.

— A agressividade dos Lothan nada tem de novo — retorquiu Leodan. — Nada de novo... já possuem a alma do meu povo. Que mais quererão eles? Os Lothan Aklun não são melhores do que qualquer canalha que nos rodeia: os mineiros, os mercadores, a própria Liga. Nenhum deles fica contente de um momento para o outro. Posso nunca ter posto os olhos num Lothan, mas conheço-os bem. Diz à Liga que lhes leve esta mensagem: a Quota permanecerá a mesma que sempre foi. O acordo foi selado como perpétuo, realizado antes do meu tempo, há muito; não aceito qualquer mudança, nem agora nem nunca.

Pronunciou isto com determinação, mas não pareceu agradado com o silêncio com que Thaddeus lhe respondeu.

— Há um outro assunto de que devemos falar — aventou Leodan. — Recebi esta manhã uma missiva de Leeka Alain, da Guarda do Norte. Enviou-a por um mercador da cidade baixa, que me fez chegar através da casa dos criados. Tudo isto é muito invulgar.

— Sim, é bastante estranho — Thaddeus pigarreou primeiro ligeiramente e depois foi como que sacudido por vários ataques de tosse. — O que tem o general a dizer?

— Foi uma carta estranha, cheia de urgência, mas vaga nos pormenores. Queria saber se eu recebera uma mensageira que ele antes me enviara. A tenente Szara. Pelo tom da carta, essa mensageira fora-me enviada com uma mensagem importante.

Thaddeus observou o rei.

— Recebesteis essa mensagem?

— Conheces a resposta a isso. Teria chegado a mim através de ti.

— Claro, mas nada ouvi sobre tal assunto. Leeka revelou os pormenores da mensagem na carta?

— Não. Ele não tem confiança na palavra escrita.

— E não deve ter. Uma vez escrita, qualquer um a pode ler.

O olhar do rei movimentou-se lento, pesadamente. Fitou o chanceler e estudou-o, toldado pela bruma, mas, apesar de tudo, capaz de se

## ACÁCIA

concentrar. O rosto do homem estava calmo, embora alguma tensão lhe assomasse na fronte.

— Sim, talvez... Interrogo-me por que razão terá ele escolhido corresponder-se comigo em vez de através do governador. Sei que ele não nutre grande afeto por Rialus Neptos, tal como eu próprio. Sabes que Rialus costumava escrever-me, pelo menos duas vezes por ano, exaltando as suas virtudes e sugerindo que ele próprio deveria ser chamado do Mein e confiado qualquer cargo mais elevado aqui, em Acácia? Como se eu o quisesse por aqui enfadado no palácio. Ele aponta que é de pura linhagem acaciana e diz que o clima do Mein lhe faz mal à saúde. Não posso discordar disso, no fundo; aquilo é um lugar miserável... De qualquer modo, Leeka desejava comunicar diretamente comigo e isso desperta-me a curiosidade. Onde está essa Szara?

Thaddeus ergueu os ombros o mais que pôde e depois deixou-os cair.

— Nada sei sobre isso, mas, mesmo nestes tempos de paz, acontecem coisas más. Estamos no fim do inverno. Isso aqui pouca importância tem, mas nas terras altas do Mein o tempo deve estar terrível. Como ia ela viajar? Vinha a cavalo ou pelo rio Ask?

— Não sei — respondeu o rei.

— Deixai-me tratar deste assunto — retorquiu Thaddeus. — Afastai-o do espírito enquanto tento perceber o que se passa. Enviarei emissários armados ao norte, ao encontro de Leeka. Com a vossa autorização, dar-lhes-ei carta branca do rei, para que possam viajar depressa e ter sempre cavalos frescos. Teremos notícias deles dentro de um mês, talvez menos, se embarcarem para Aushenia e apanharem um atalho. Vinte e cinco dias, no máximo. Então sabereis tudo o que se passa. — Thaddeus fez uma pausa e aguardou a resposta do rei. Foi pouco mais do que um resmungo de afirmação, mas pareceu satisfazer o chanceler. — E depois vereis que nada de grave se passou com certeza. Leeka sempre foi desconfiado em relação ao Mein, mas desde quando é que isso já teve alguma importância?

— As coisas estão diferentes agora — retorquiu o rei. — Heberen Mein era um homem razoável, mas já morreu. Os seus três filhos são bem diferentes. Hanish é ambicioso; vi-o nos seus olhos, mesmo quando era um rapazito, quando visitou a cidade. Maeander é puro despeito e Thasren um mistério. O meu pai tinha a certeza de que nunca poderíamos confiar neles. Fez-me jurar que não cairia nunca nessa fraqueza — a confiança. Tu também costumavas dizer-me que eu não me preocupava o suficiente. Juntos, tu e eu, concebemos planos contra todo o género de acontecimentos trágicos, lembras-te?

Thaddeus sorriu.

— Claro que me lembro. É o meu trabalho. Quando era jovem via perigo em todo o lado. Mas Acácia nunca esteve tão forte como agora. Digo-o sinceramente, meu amigo.

— Sei que sim, Thaddeus. — O rei olhou para o teto. — Dentro em pouco acordarei todos os meus filhos e levá-los-ei numa viagem. Iremos visitar todas as províncias do império. Tentarei convencê-las de que sou o seu rei bondoso; elas tentarão convencer-me de que são minhas leis súbditas. E talvez a ilusão perdure por algum tempo ainda. Que me dizem?

— Parece-me muito bem — respondeu Thaddeus. — Isso deixará os vossos filhos muito contentes.

— Claro que o «tio» deles nos acompanhará também. Eles gostam de ti tanto como de mim, Thaddeus.

O outro homem levou algum tempo a responder.

— Honrais-me imerecidamente.

O rei permaneceu sentado, repetindo estas palavras na cabeça durante algum tempo, e encontrando algum consolo nisso, mesmo enquanto se afastava do seu contexto original. Dissera algo parecido um dia, a Aleera. O que fora? Tu... amas-me imerecidamente. Fora isso que dissera. Por que razão o dissera? Porque era verdade, claro. Explicara-lhe tantas coisas, numa noite, alguns dias antes de casarem. Bebera demasiado vinho e ouvira demasiados discursos que o louvavam. Já não conseguia suportar mais, por isso levara a noiva para um lado e confessara-lhe que deveria saber coisas sobre ele antes de se casarem. Confessara-lhe tudo o que sabia sobre os crimes do império, os antigos e os novos, ainda feitos em nome de seu pai, os crimes que, provavelmente, continuariam a ser cometidos em seu nome. Desabafou tudo, choroso, patético e até agressivo, certo de que ela se encolheria de medo dele, quase esperançoso de que ela se afastasse dele e o rejeitasse. Certamente que uma boa mulher o faria; e ele não duvidava da bondade dela.

Que surpreendido ficara com a sua resposta. Ela aproximou-se dele e voltou aquele rosto lindo de grandes olhos para ele. Não havia surpresa nas suas feições, nem remorso ou juízos de valor. Respondera-lhe que *um rei é o melhor e o pior dos homens. Claro. Claro.* Pousara os seus lábios nos dele de uma maneira tão doce e ávida que lhe tirou a respiração. Esse, talvez, tenha sido o momento em que verdadeiramente casaram, o momento em que fora selado o acordo entre eles. Era difícil para ele decifrar agora qual dos aspetos do amor dela o tocara mais. Seria o facto de ela lhe poder perdoar tudo isso e amá-lo, porque compreendia a bondade que, no fundo, existia nele? Ou fora o facto de ela se ter traído, de que

## ACÁCIA

era tão capaz de fazer vista grossa à verdade e viver uma mentira quanto ele? De qualquer modo, o facto de lhe ter confessado tudo e de ter tido a sua bênção fê-lo amá-la na plenitude. Nunca teria sido capaz de cumprir a sua missão como monarca sem a aprovação dela. Isso talvez fosse, ou não, algo de bom para o mundo, mas, para um homem inseguro como ele, a devoção dela fora uma grande dádiva.

— Talvez o faça, Thaddeus — respondeu Leodan, algo tardiamente, à declaração do outro. — Talvez te honre indevidamente. Cometemos erros desses por vezes. Mas que mal faz isso?

Não ouviu a resposta do chanceler, se é que, de facto, este lhe respondeu. Fechou os olhos e teve a sensação de estar a ser empurrado de encontro a uma parede invisível. A bruma tinha-se consolidado nele e preenchia-o. Agora o momento de se afastar do mundo físico era finalmente dele. Este momento atingia-o sempre como uma pressão, como se o seu peito jazesse plano contra uma pedra e uma grande força atrás dele gradualmente o empurrasse contra ela. Precisamente no momento em que sentia não conseguir aguentar mais o peso, começava a atravessar a pedra, confundindo-se com ela e atravessando-a como se ela fosse porosa e ele se encontrasse em estado líquido. Do outro lado, Aleera esperava por ele, a ilusão temporária por que ele ansiava mais do que pela verdadeira vida. Foi ter com ela com reverência.

## CAPÍTULO

## SETE



Rialus Neptos acreditava ter encontrado um método pelo qual conseguia ter conhecimento de toda a gente que entrava e saía da fortaleza do norte de Cathgergen. Pensava que esta vigilância era essencial para um governador, especialmente um governador tão atento ao poder quanto ele era. Pedira que fabricassem uma única lâmina de vidro nas fornalhas na base da fortaleza. Deitara abaixo uma parte da parede de granito do seu gabinete e colocara aí o vidro, de modo a abrir uma enorme janela. A vidraça era mais alta do que um homem e tão larga como os seus dois braços estreitos abertos de um lado ao outro. A execução da obra fora imperfeita. Tinha uma espessura desigual, de um tom leitoso, em algumas áreas, e salpicada de bolhas de ar. Porém, havia alguns bocados de verdadeira transparência; Rialus localizara todos esses pontos após longas horas de observação.

A sós nos seus aposentos, encostava a fronte à vidraça. Frequentemente o toque no vidro fazia-o sentir frio e causava-lhe tosse, um tormento que afetara o seu peito frágil toda a sua vida. Durante algum tempo chegava até a ter de se esticar no chão. Uma faixa de vidro na parte inferior da vidraça distorcia o mundo de tal maneira que ele podia estudar a entrada no quartel-general militar nas suas horas de lazer e, por conseguinte, saber quem entrava e saía no mundo de Leeka Alain. O lugar que lhe permitia ver melhor era do alto de um tamborete, e olhava para baixo com um olho fechado que lhe proporcionava uma vista de toda a muralha oeste e do portão no centro. Fora deste lugar que observara as tropas do general Alain marcharem para fora da fortaleza, desafiando as suas ordens diretas. Fora do mesmo lugar que observara a chegada do segundo dos irmãos Mein, Maeander, algumas semanas mais tarde.

Rialus afastou-se da vidraça. Estava novamente com frio. A forta-

leza era aquecida através de piscinas de vapor de água quente que borbulhava em jorros da terra. Uma rede intrincada de canos e de condutas de ar canalizavam o calor para toda a estrutura labiríntica do forte. Os engenheiros de Cathgergen diziam que se tratava de uma maravilha de construção, mas, na verdade, o lugar nunca se encontrava suficientemente quente. Por vezes, desconfiava que os seus aposentos eram propositadamente deixados com pouco aquecimento, mas não tinha maneira de o provar.

Andou à volta da secretária e depois dirigiu-se à estante na parede, passando um dedo sobre as lombadas dos volumes que ali se encontravam, tomos poeirentos cheios de registos, documentos de contabilidade e diários governamentais, mantidos ali desde que a hegemonia de Acácia se estabelecera pela primeira vez na satrapia. O seu pai tratara estes registos com sóbria reverência. Tentara inculcar o mesmo no filho único, sem ter conseguido. Rialus era somente a segunda geração da sua família a vigiar o Mein — não se tratava portanto de muito tempo em funções, pelos padrões de Acácia. Com a extinção da anterior família de governadores, o seu pai fora enviado para o norte, como castigo por alguma malfeitoria de que Rialus já nem sequer se recordava. À medida que os anos passavam, os outros governadores acabaram por ver a família Neptos ali instalada como um dado adquirido. Os Akarans ignoravam-nos. Irritava-o que esperassem fazê-lo pagar indefinidamente por um crime que ninguém conseguia sequer nomear. Atormentava-o que o mundo lá fora não compreendesse o seu espírito arguto, de algum modo cativo dentro da sua figura atrofiada, traída em todas as ocasiões pela tendência do seu queixo de enregelar precisamente nos momentos errados. Se, ao menos, os outros pudessem ver para além destes defeitos da aparência exterior, compreenderiam que ele estava mal aproveitado naquele posto.

Rialus gostava de dizer que o Doador recompensa quem valha a pena, mas tinha ainda de ver alguma prova de que as forças divinas no mundo tinham notado a sua existência. Após dez anos a ser posto de parte, ignorado, Rialus tornara-se chão fértil para a intriga. O irmão mais velho dos Mein fora rápido a aproveitar-se disso. Hanish era um orador eloquente, um homem bonito que falava com tal compostura nos seus olhos cinzentos que não se conseguia evitar confiar nele. Vindo da sua boca, o estranho sistema de crenças do Mein não parecia de todo ridículo. O mundo dos vivos era transitório, explicara Hanish, mas a força que constituía os Tunishnevre era constante. Os Tunishnevre eram compostos por todos os homens valorosos da sua raça que tinham outrora vivido e que já não estavam neste mundo. Era a sua força de vida que se prolongava já fora dos seus recetáculos mortais. Era a energia palpável

da sua raiva, prova de que os mortos tinham mais importância do que os vivos. A vida era uma maldição inflingida sobre uma alma, antes de esta poder partir para outro plano mais elevado. Tal como o corpo que é separado do espírito no seu íntimo, e contudo causa ao espírito todo o género de dores, assim o destino dos vivos causara ao cerne ancestral um sofrimento sem fim. Os vivos mantinham os mortos acorrentados a si e, nesta ignorância, faziam da vida após a morte um fardo, quando deveria ser a doce realização da viagem da vida. Os antepassados, afirmara Hanish, imploravam-lhe que amenizasse a sua tortura.

Quando o governador perguntara o que era exatamente que queriam os Tunishnevre, e como seriam exatamente libertados deste sofrimento, Hanish apertara-lhe o ombro como se fossem companheiros íntimos. Tinha um modo peculiar de mudar de um estilo sério para um tom mais casual de um instante para o outro.

— Sei que existem mudanças a fazer na ordem do mundo dos vivos. Foi para essa missão que nasci. E tu, Rialus Neptos, és um agente do meu inimigo.

Isto fora dito também num tom ligeiro, mas a lista de crimes perpetuada pelo domínio de Acácia parecia longa e imunda quando Hanish a pormenorizou. Que nação não sofria sob o seu domínio? Dos pálidos homens o norte até aos povos negros do Sul, de oriente a ocidente, tantos povos diferentes, dezenas de raças humanas — todas sofriam graves injustiças sob aquele jugo. As gerações haviam vivido e morrido sob o jugo da «paz» acadiana, mas o Mein nunca esquecera quem era o seu inimigo. Agora, finalmente, Acácia tinha um rei tornado tão fraco que poderiam atacar. Hanish acreditava que Leodan era o herdeiro mais fraco de uma longa cadeia da sua história familiar. Uma nova era poderia começar, com um novo calendário a assinalar o dia, com novos conceitos de justiça, com a redistribuição da riqueza, com os privilégios por fim nas mãos daqueles que haviam, durante tanto tempo, trabalhado para o proveito de outros homens. Pouco havia nisto que Rialus pudesse refutar. Ele estava, afinal de contas, numa posição privilegiada para saber a ferocidade com que Acácia cobrava os impostos aos seus aliados.

Rialus nem sequer se lembrava da altura exata em que os irmãos Mein o haviam tornado seu confidente, mas recordava-se, sim, da sua incredulidade perante as afirmações de Hanish. Dissera que a sua liga de aliados era mais poderosa do que a dos Akaran. Estavam cada vez mais frustrados com os Akaran e furiosos com Leodan. Acreditavam que o rei queria acabar com a Quota e abolir o comércio de ópio. Por causa disso, decidiram o seu destino. O rei seria afastado do cargo e substituído por outro, mais propenso a ir de encontro às suas necessidades. Hanish dis-

sera que isto acontecera duas vezes antes, nas vinte e duas gerações desde Tinhadin, mas que, desta vez, era diferente. O rei não seria meramente afastado do trono de modo a que o filho — mais novo e mais moldável e fácil de controlar — tomasse o seu lugar. Desta vez, os Lothan Aklun queriam que toda a linhagem fosse extinta e estabelecida uma nova dinastia, com os Mein no trono.

Era por isso que Hanish tinha à sua disposição um povo de uma raça estranha desejosa de marchar através dos Campos Gelados e fazer guerra em nome dos Mein. Era por isso que possuía armas novas que arremessavam bolas de fogo como o Sol ou que catapultavam pedregulhos. Acrescentava-se a isto um exército escondido dos Mein, que estivera a treinar arduamente nas montanhas a norte de Tahalian, às escondidas do mundo exterior. Com estes instrumentos e diversas outras surpresas na manga, Hanish prometia derrubar um mundo que de nada desconfiava e destruí-lo totalmente.

Os irmãos tinham aludido a várias posições de relevo que Rialus poderia vir a ocupar, no mundo remodelado que antecipavam, mas, até à data, ele não vira recompensa alguma. Esperara poder mostrar-se útil. Infelizmente, este assunto com Leeka não corraera como gostaria. Sabia que o exército do general fora misteriosamente massacrado, mas não tinha a completa certeza sobre se isto daria a Maeander o prazer que deveria. Afinal de contas, a missão de Rialus fora a de deter o general e fazer tudo o que pudesse para ocultar a chegada dos estrangeiros. Fracassara em ambas as incumbências.

Maeander entrou nos aposentos do governador com visível desdém pelas formalidades devidas a um funcionário acaciano. Passou pela secretária, que se preparava para o anunciar, e irrompeu pela sala, com passadas firmes que pareciam tanto naturais como propositadamente fortes para lascas as lajes sob as pesadas botas. Maeander era alguns centímetros mais alto do que o seu anfitrião. Tinha os ombros largos e ostentava força nos movimentos das coxas musculadas e nas curvas vigorosas dos antebraços e nos contornos do pescoço. Usava o cabelo comprido, abaixo dos ombros, e lavava as madeixas cor-de-palha dourada diariamente em água gelada e depois penteava-se — algo invulgar, na maioria dos homens do Mein, pois estes deixavam o cabelo emaranhar-se e andavam com ele caído, de modo a parecer uma cascata de serpentes sobre os ombros. Ele era, em toda a aparência exterior, uma figura modelo para os rudes e viris homens da sua raça, envoltos em vestes de couro curtido e de pernas cobertas por calças justas.

Maeander tirou as luvas forradas a pele e atirou-as para uma mesa,

onde caíram com um baque seco. Examinou rapidamente a sala, parando à janela.

— Então é esta a tua janela — disse, inspecionando a vidraça. Falava acaciano com o sotaque gutural da sua língua materna, sons que sempre haviam ofendido os ouvidos de Rialus. — Os guardas trocaram galhofas comigo quando entrei. Quando lhes dei ordem para te avisarem da minha chegada, um deles disse que já sabias, visto teres sempre um olho pregado a esta vidraça. Um outro disse que parecias não compreender que tanto se pode ver de dentro para fora como de fora para dentro. Tal impertinência, governador, não deveria ser permitida.

Rialus corou. O simples facto de ser visível para as pessoas no exterior nunca lhe ocorrera. Imaginou o absurdo da sua imagem vista de fora, retorcida em diferentes contorções, e os lá de baixo a vê-lo pelo canto do olho, escondendo sorrisos afetados, zombando dele... E assim, daquela maneira, com algumas palavras casuais, faziam-no sentir completamente idiota. Recordava-se de uma época em que os irmãos Mein o tratavam como convinha ao seu cargo, mas tudo isso mudara. Não fazia ideia de como poderia voltar a ganhar o seu antigo estatuto. De facto, desconfiava cada vez mais de que nunca mais teria estatuto algum.

Maeander virou-se da janela. Os olhos do homem eram notavelmente cinzentos. Fixavam-se intensamente nas pessoas. Nunca, pensou o governador, conhecera alguém que olhasse tão fixamente com tão indisfarçada má vontade. Tinha o olhar de uma criança a fixar um besouro que estava prestes a esmagar sob o tacão.

— Sabes o que aconteceu ao exército de Alain?

Rialus não era um conversador fluente. Perante Maeander, embrulhava-se em graguejos embaraçados, que ele tinha a certeza de darem uma má impressão. Felizmente, Maeander estava mais interessado em falar ele próprio do que em fazer uma verdadeira pergunta. Contou então que os batedores de numrek haviam sido enviados para limpar terreno, antes de o grosso do exército da sua nação descobrir onde estava a coluna do general. Sem serem vistos, haviam-nos seguido durante vários dias até encontrarem um sítio que lhes servisse para uma emboscada. Atacaram-nos após o último vento de uma tempestade que findava e chacinaram-nos até ao último homem e à última mulher.

— Deves ficar contente por saber que os numrek são tão destros a matar como afirmam — disse Maeander. — Apreciaram a prova que o exército de Alain lhes proporcionou. Serviu-lhes de aquecimento, dizem. — Virou-se e deambulou pela sala, sem destino. Tinha três tranças que lhe pendiam do alto da cabeça do lado esquerdo. Em duas delas esta-

## ACÁCIA

vam entretecidas fitas azuis e, na terceira, um fio em cabedal com contas de prata. Rialus sabia que aquilo era uma espécie de sistema de contagem primitivo: o azul correspondia a dez homens mortos, a fita em cabedal a vinte. Ou seria ao contrário? O governador não se lembrava.

— Nunca vi nada igual a este exército numrek. Devoram e cospem tudo o que encontram. As crianças e as mulheres têm tanto prazer na chacina como os homens. Duvido muito que as forças combinadas de Acácia se possam igualar a eles em campo aberto.

— Então foi tudo pelo melhor — retorquiu Rialus. — O Doador ajuda os valorosos. Um grande sucesso.

Maeander não gostava de ser conduzido.

— Não sejas tão apressado. Fracassaste em manter o general prisioneiro. Estavas aqui sentado à tua janela enquanto ele se punha em marcha para pôr em causa tudo o que o meu irmão planeou durante todos estes anos. O resultado não foi mau, mas forçaste-nos a acelerar os nossos planos. E é verdade que o teu general enviou mensageiros — vários?

— Sim, enviou, mas não te preocupes. Persegui-os e matei-os a todos.

— Não é verdade. Um deles escapou. Um deles encontrou-se com o chanceler do rei, Thaddeus Clegg.

— Oh — retorquiu Rialus.

— Sim. «Oh». Contudo, foste novamente salvo por um golpe de sorte. — Fez uma pausa para deixar que Rialus se contorcesse um momento e depois disse: — Thaddeus é... ambivalente o suficiente para talvez não ver os seus interesses alinhados com os de Leodan.

A boca de Rialus formou uma oval.

— Ambivalente?

— Isso mesmo — retorquiu Maeander. Inclinou-se e passou as pontas dos dedos pelas azeitonas na tigela colocada sobre a secretária de Rialus, iguaria importada, difícil de encontrar no Mein. Enfiou algumas na boca e observou o governador.

— Na verdade, Rialus, as razões do seu estado de alma ambivalente estão relacionados com a tua própria situação. Estarás interessado em que te explique?

Rialus assentiu, hesitante, mas demasiado curioso para recusar. Maeander foi falando enquanto mastigava. Pediu a Rialus para recuar no tempo com ele e imaginar Leodan e Thaddeus tal como eram na juventude. Imaginar o jovem príncipe: sonhador, idealista, indeciso em aceitar o poder para o qual estava a ser preparado, tomado de amores por uma jovem beldade — Aleera — que parecia ter mais importância para ele do que o trono. A seu lado, o seu chanceler: resoluto, confiante,

disciplinado, um espadachim talentoso, ambicioso de um modo que Leodan não o era.

— Leodan nunca foi propriamente um tesouro aos olhos de seu pai — disse Maeander, com um largo sorriso.

Gridulan, continuou, via o filho como um fraco. Mas um filho é um filho; Gridulan não tinha outro. Não o podia negar. Foi por isso que Gridulan fez o melhor que pôde para endurecer Leodan, mesmo quando observava Thaddeus pelo canto do olho. Queria que o filho tivesse um chanceler forte, mas tinha as suas razões para reecer os talentos de Thaddeus. Thaddeus era um Agnate, afinal de contas. Tinha uma linhagem que remontava ao próprio Edifus. Poderia, em certas circunstâncias, reclamar legitimamente o trono para si. Isto tornou-se uma grande ameaça — na perspectiva do velho rei — quando Thaddeus desposou uma jovem, Dorling, também de uma família Agnate. No primeiro ano de casamento tiveram um filho, um menino, exatamente dois anos antes de Aleera dar à luz Aliver. Assim, ali estava o forte Thaddeus, oficial na Marah, com uma jovem esposa e um filho, uma linhagem aristocrata, a adoração da população e o apoio dos governadores — que viam o chanceler como um arguto defensor das suas causas. Em resumo, Thaddeus tornara-se uma ameaça que Gridulan não podia ignorar, mesmo se Leodan não tivesse consciência disso.

— Adivinha o que fez ele em relação a isso — instou Maeander. — Fazes uma ideia?

Rialus não fazia ideia alguma, apesar de levar alguns instantes a convencer Maeander disso.

— Então, terei de te contar — prosseguiu o homem do Mein. — Gridulan conspirou com um dos seus companheiros. Por ordem do rei, este companheiro adquiriu um veneno raro, do género usado pelos homens da Liga. Mortal. Certificou-se pessoalmente de que Dorling consumiu uma dose que lhe administrara no seu chá. O filho — ainda de mama — foi envenenado através do leite da mãe. Ambos morreram.

— Foram assassinados por ordem do rei? — perguntou Rialus.

— Tal qual. Na altura ninguém soube da origem das mortes. Alguns suspeitaram de assassínio, mas não se dirigiram acusações a ninguém — pelo menos, não na direção certa. Gridulan foi o primeiro a apresentar as condolências a Thaddeus. Leodan permaneceu a seu lado na dor. O próprio Thaddeus suportou o seu sofrimento admiravelmente, mas nunca mais foi o mesmo homem depois disso. Gridulan escolhera bem. Conseguira extinguir a ambição de Thaddeus, embora deixasse o homem vivo para ajudar o filho. Leodan não soube dos assassinatos até alguns anos mais tarde, depois de o pai

ter morrido e de ter lido os seus diários privados. Porém, que iria ele fazer com o conhecimento de que o próprio pai matara a mulher e o filho do seu melhor amigo, tudo a fim de o proteger?

— Talvez um homem moralmente forte tivesse confessado tudo ao amigo — concluiu Maeander, encolhendo os ombros pois não parecia ter a certeza desta questão. — Talvez. Em qualquer caso, Leodan manteve a boca calada. Nada disse a ninguém, apenas dando um castigo ao homem que fora cúmplice de seu pai, o homem que administrara o veneno. Fazes alguma ideia de quem era?

Maeander, desta vez, não esperou pela resposta de Rialus.

— Isso mesmo — proferiu. — O teu amado pai, Rethus, foi quem administrou o veneno! É por isso que te encontras agora aqui à minha frente, como governador miserável de uma miserável província. Estás a ser castigado — como o foi teu pai antes de ti — pela lealdade para com Gridulan. Os segredos de família são profundos, Rialus. Bem vejo pela perplexidade no teu rosto que acabei, simultaneamente, tanto por te surpreender como por responder a velhas perguntas.

Rialus precisou de um momento para recobrar ânimo suficiente para perguntar:

— Como sabes de tudo isto?

Maeander olhou para um lado e cuspiu um caroço de azeitona.

— O meu irmão tem muitos amigos em posição de saber tais coisas. A Liga, por exemplo, observa tudo isto com interesse, e alegra-se por fornecer pequenas informações para nos ajudar a deitar achas para a fogueira. Acredita em mim, Rialus, a história que acabei de te contar é verdadeira. Alguns meses atrás o meu irmão partilhou a informação com o próprio Thaddeus Clegg. Este ficou bastante perturbado com as notícias. Por causa disso, creio ser justo dizer que ele não se encontra já completamente do lado de Leodan. Pensa na vida que Thaddeus tem levado desde que Dorling e o filho morreram. Pensa no amor que dedica aos filhos de Leodan e não aos seus. Pensa no modo como ele apoiou o rei quando este enfrentou a morte — por causas naturais, claro — da sua própria esposa. Pensa no que sentiria ao descobrir que tudo isso foi baseado numa mentira, num assassinato, na traição. No seu lugar, não quererias ver os Akaran castigados? A vingança é a mais fácil das emoções para compreender e manipular. Não concordas?

Rialus concordou, embora quisesse desesperadamente tempo e solidão para digerir tudo o que Maeander lhe revelara.

— Em qualquer caso, — disse Maeander, regressando ao assunto que originara aquele desvio da conversa — não te matarei pelos teus erros, mas receio que terás de pagar por eles. Prometi Cathgergen aos

numrek. Quando chegarem, entregar-lhes-ás a fortaleza. Confio que não irritarás o chefe deles, Calrach; pelo que vi dele, não é muito dado ao perdão.

— Não queres dizer...

Maeander olhou-o, afrontado.

— Estás a protestar? Não quererias que lhes entregasse Tahalian, pois não? Não há outra maneira. A fortaleza é deles, para descansarem e se reorganizarem. Se quiseres, poderás deixar que o exército dê alguma luta e depois fugir para qualquer que seja o destino que te espera. Não olhes assim para mim. Neptos, nunca vi um homem que se parecesse tanto com um rato em tantos aspetos diferentes. — Por instantes, a voz de Maeander soou com verdadeira fúria, mas dominou-se e falou friamente. — Por enquanto podes continuar a viver, mas as verdadeiras recompensas vão para aqueles que nos servem com eficiência.

— Acabaste de me condenar — contrapôs Rialus.

— Não te condenei. Se estás condenado, as sementes dessa condenação foram plantadas antes de eu sequer te conhecer. É assim com todos nós. É tudo o que tenho para ti.

Rialus conseguiu falar somente quando Maeander se voltou para sair.

— Esqueces-te de que eu... eu sou o governador desta fortaleza.

Maeander fitou-o estupefacto. Rialus mudou de tom, afastando-se da sugestão de ameaça inerente àquela declaração. — Talvez ainda possa provar o meu valor.

— Ah, és tão traiçoeiro como o teu pai? Como irias tu dar-me provas?

— Se o que tenho para te oferecer te agradar, terei de ter a tua garantia de que serei recompensado. Posso entregar-te a família real — as suas cabeças, quero dizer.

— Já tenho agentes preparados para atacar o rei. Talvez já o tenham morto. Talvez essa notícia já vá a caminho de Hanish.

— Não, não... sei disso — retorquiu Rialus. Tinha quase vontade de sorrir, sabendo que com toda a probabilidade acabara de encontrar a tábua de salvação de que precisava. — Não estou a referir-me ao rei. A linhagem Akaran não começa nem acaba com Leodan.

## CAPÍTULO

## OITO



Corinn Akaran compreendia que havia ainda muito que desconhecia sobre o mundo, muitos nomes e linhagens familiares e acontecimentos históricos que a sua memória se recusava a reter. Não importava. Pouco daquilo tinha algum peso na vida do dia-a-dia. O que ela acreditava ser significativo era o facto de ser a filha mais velha do rei Leodan, a bela Corinn. Não herdaria o controlo do reino do pai — que iria para Aliver — mas isso até lhe convinha. Não considerava nada atracente a perspetiva de fazer malabarismos com tão complicado conjunto de preocupações. Era muito melhor manter-se de fora e exercer a sua influência na esfera das intrigas da corte. Tinha a certeza de que isso seria muito mais interessante. O mundo poderia ser algo de muito mais vasto, de facto, mas a parte que ela ocupava era pequena e, nesse mundo mais pequeno, poucas pessoas estariam melhor posicionadas do que ela para encarar o futuro com sublime optimismo.

Guardava, contudo, um segredo que ninguém próximo dela adivinaria. Embora por natureza fosse uma pessoa jovial, com gosto por roupas sofisticadas, bisbilhotice e pensamentos românticos juvenis, transportava em si uma consciência da morte. Era como uma nuvem que pairava sobre o seu espírito, sempre perto, sempre a ameaçar quando erguia os olhos para absorver coisas maiores. A mãe morrera quando ela tinha dez anos. Desde então, a condenação da mortalidade nunca estivera longe do seu espírito. Aleera Akaran deixara a vida quando a primavera dava lugar ao verão. Fora roída por dentro por uma doença que começara com uma dor nas costas e se tornara uma sanguessuga insaciável que lhe sugara a vida.

Corinn recordava-se dos últimos momentos que passara junto da mãe em doloroso pormenor. Em sonhos, sentava-se muitas vezes ao pé da sua cama novamente, agarrando as pálidas e magras mãos da mãe.

Estava tão devastada pela doença que o seu corpo parecia fundir-se com o colchão. Por causa de o tempo estar tão quente, repousava muitas vezes destapada, as pernas nuas esticadas por debaixo da túnica, com os pés e os dedos destes parecendo estranhamente grandes, agora que eram a primeira coisa que Corinn via ao entrar no quarto. As semanas que permanecera presa à cama haviam tornado Aleera tão fraca que não conseguia chegar ao seu tamborete junto à janela sem a ajuda da filha. Já não conseguia andar. Corinn apoiava o frágil peso da mãe em cada passo que ela dava, cambaleante, como o de uma criança que dá os primeiros passos.

Tudo isto causou na menina a forte impressão de que o mundo guardava em si, na realidade, coisas muito mais assustadoras do que ela conseguia imaginar nos seus mais negros pensamentos. Onde, naquele quadro, estava a mãe todo-poderosa que sabia sempre o que ia na alma da filha antes desta o pronunciar, que ria dos medos que Corinn tinha de dragões, de cobras gigantes e de monstros? Onde estava a heroína que afugentava estas criaturas pelo simples facto de entrar no quarto, só com um sorriso, apenas por chamar por ela? Onde estava a bela mulher em cujo colo Corinn se sentara enquanto ela se encontrava atarefada com deveres oficiais, a mulher que a todos servia de exemplo? Ainda a deixava atónita o modo como as coisas haviam mudado de modo tão célere, sem sequer uma sugestão velada de que existia um sentido para tudo aquilo.

Por mais doloroso que fosse, agravava-se ainda mais pelo facto de ela se ver a si própria em cada parte do corpo moribundo da mãe. A mãe dera-lhe a forma do rosto, o jeito dos lábios, o padrão das linhas da fronte. Tinham as mesmas mãos: a mesma proporção e comprimento, o mesmo tipo de articulações, as mesmas unhas finas, a mesma inclinação do dedo mindinho. A menina de dez anos agarrou entre as mãos uma envelhecida e desvanecida imagem decadente de si própria, como se fosse uma estranha confluência do passado e do presente ou do presente com o futuro.

Embora muitas vezes passasse os dias com um otimismo juvenil, parte dela sentia-se importunada pelo medo de não sobreviver a esse ano. Ou, se sobrevivesse, seria só para que primeiro ganhasse tudo, depois perdesse tudo e depois morresse. Sentira-se assim quando tinha dez anos, e depois com onze e doze anos, e por aí fora, mas o sentimento continuava tão forte como sempre. O facto de contrabalançar estes pensamentos mórbidos com uma natureza efervescente era tão confuso para ela própria quanto seria para aqueles que a viam do exterior. Escondia as suas negras meditações o melhor que podia, tanto por a alarma-

rem como por a envergonharem. Lembrava a si própria frequentemente que todo o ser viva enfrentava a morte, e a poucos era oferecida uma vida com tão rico potencial como a dela. Mas talvez estivesse enganada. Talvez viesse a viver uma longa e feliz existência; talvez até encontrasse um modo de viver para sempre, sem idade e jamais tocada pela doença.

Na manhã em que deveria dar as boas-vindas à delegação da nação de Aushenia, Corinn olhou durante muito tempo para o espelho do toucador, contemplando o seu reflexo. Inclinou-se sobre o tampo e pegou numa escova de crina de cavalo usada para aplicar a maquilhagem. Mergulhou-a num pó feito de conchas moídas e passou-a sobre as faces. Esperava que o brilho complementasse o cintilar das fibras prateadas do vestido, elegante e da cor do azul do céu, que lhe delineava a figura. Apesar dos pensamentos mórbidos, estava agradada com as perspectivas dos próximos dias. Não tinha — como Aliver — de suportar as loucas formalidades dos encontros oficiais. Porém, ao contrário de Mena e de Dariel, já tinha idade suficiente para exercer funções em algumas praxes oficiais. Desta vez serviria de anfitriã e guia ao príncipe de Aushenia, Igguldan.

Apesar dos avisos da sua camareira de que o dia iria estar frio, usava apenas uma fina combinação sob o vestido. Podia aguentar o frio, dissera; mas não suportava ver-se deselegante. Como única concessão ao clima, decidiu vestir uma peça nova que lhe fora enviada de Candovia, uma faixa de pele branca enrolada ao pescoço e que prendeu com um alfinete. Achava que a *écharpe* lhe conferia uma certa elegância. Esperava que sim, pois não era tão apta a vestir-se para o tempo frio como era em lidar com as três estações quentes que Acácia proporcionava.

Corinn encontrou-se com o príncipe de Aushenia nos degraus do salão de Tinhadin. Ela estava de pé, rodeada por vários servidores, um tradutor, e alguns ajudantes do gabinete do chanceler. Todos eles estavam emoldurados pelos pilares de granito da fachada do salão, grosseiramente esculpidos e marcados pela idade e pelas intempéries. Sendo de uma época arquitetónica mais antiga do que a maior parte da cidade, o salão fora construído quando os líderes da nação pareciam desdenhar as linhas suaves e os arcos de cidades refinadas, como as da costa de Talayan, às quais futuras gerações iriam buscar inspiração.

O príncipe estava vestido de modo simples. Corinn talvez tivesse ficado algo desiludida com isso, mas os modos do príncipe demonstravam tal cortesia que ela teve de reconhecer que as suas maneiras eram irrepreensíveis. Caminhou com o olhar baixo, de braços muito juntos ao corpo e palmas das mãos estendidas na direção dela. Tanto ele como o seu séquito acertavam o passo enquanto subiam, de modo a moverem-se como se fossem uma única alma. Quando o jovem príncipe chegou ao

degrau abaixo dela, parou. Ergueu os olhos, encontrou os dela e manteve o olhar apenas ligeiramente mais tempo do que o apropriado. Sentiu-se inclinada a perdoá-lo, tanto por causa do sorriso timorato vincado que tinha como por saber que o seu vestido, a *écharpe* de pele branca ao pescoço, o intrincado entrançado do seu cabelo e o pó de conchas brilhante que lhe realçava as faces se combinavam para causar um efeito impressionante.

Os traços fisionómicos de Igguldan eram típicos de Aushenia: o cabelo cor de palha tingido de acaju, os olhos intensamente azuis, como se fossem contas de vidro iluminadas por dentro. Corinn pensara um dia que a pele pálida e sardenta nada era comparada com o tom moreno cremoso dos acácios ou a pele quase negra dos talayanos, mas, ao olhar para Igguldan, sentiu-se atraída por aquela tez. Apetecia-lhe estender a mão e tocá-lo, mesmo abaixo dos olhos, e passar os dedos de sarda em sarda.

Levou o grupo numa visita guiada aos edifícios principais da área superior da cidade, passando pelas várias alas do palácio, até junto dos campos de treino e passando em redor dos edifícios governamentais. Os aushenianos ficaram mais entusiasmados ao depararem com os macacos dourados que percorriam os terrenos e até mesmo dentro do palácio. No seu reino não existiam tais animais, explicaram. Corinn assentiu, pouco impressionada. Vira aquelas criaturas todos os dias da sua vida. Eram pequenos, do tamanho de gatos, com pelo sedoso que ia do amarelo até quase ao carmesim. Tinham um qualquer significado sagrado, mas Corinn não se recordava de qual e não o mencionou.

Acabaram por ir dar às antigas ruínas que abrigavam as pedras da fundação de uma das primeiras torres defensivas de Edifus. Os restos arruinados desta estrutura estavam protegidos por um edifício moderno, uma espécie de pavilhão empoleirado em colunas arqueadas e que permitia vistas para três das direções da bússola. No centro havia uma estátua de Elenet quando jovem. Um dos ajudantes do chanceler destacou-se do grupo para recitar a história do primeiro feiticeiro, e que, de muitas formas, era também a história do Doador.

No princípio do mundo, entoou o ajudante, uma figura divina conhecida como o Doador criara o mundo enquanto manifestação física da alegria. Esse deus dera forma a todas as criaturas da terra, incluindo os seres humanos, embora não diferenciasse os seres humanos das outras criaturas. Caminhou pela terra cantando, enquanto tudo ia criando através do poder da palavra. A sua língua era o fio, a agulha, o padrão pelo qual o mundo fora tecido. Nessa bem-aventurança, contudo, penetrou a maldade. Um ser humano, um órfão de sete anos, Elenet, viu um dia o deus passando pela sua aldeia. Aproximou-se do Doador e ofere-

## ACÁCIA

ceu-se-lhe como servo, para que pudesse ficar próximo da graça daquele ser divino. O deus, comovido, acolheu-o. Porém, Elenet não era como os outros animais que seguiam o Doador. Elenet não podia deixar de ouvir a canção do deus. Aprendeu as palavras da canção. Veio a compreendê-las e a reconhecer o seu poder. Deleitava-se na possibilidade de ele próprio as usar. Quando aprendeu o suficiente, fugiu.

— Tornou-se o primeiro Falante de Deus — explicou o ajudante. — Ensinou o seu conhecimento a alguns outros escolhidos. Quando o Doador soube do engano de Elenet, ficou desiludido. Virou as costas ao mundo e ficou silencioso. Nunca mais foi visto a caminhar pela terra. Nunca mais cantou. É por isso que o mundo agora é como é.

A julgou pelo modo como Igguldan se ajoelhou sobre uma perna e correu as mãos sobre as fissuras da antiga pedra, murmurando algo para si próprio, o conto já lhe era bem conhecido e afetava-o bastante. Corinn teve vontade de deitar um olhar severo perante a sua sinceridade, mas, ao longo da hora seguinte, o príncipe demonstrou ser um companheiro bastante agradável. Falava um acaciano quase perfeito, como praticamente todas as pessoas do seu séquito. Passado algum tempo, o intérprete e os ajudantes do chanceler foram ficando para trás no grupo, que se dividiu em grupos mais pequenos, como se fossem crianças nalguma excursão educativa.

— Penso por vezes — disse Igguldan — se será verdade que Edifus terá sido um dia um dos discípulos de Elenet. Era um feiticeiro, ouvi dizer. Foi por isso que ele — e Tinhadin a seguir a ele — tiveram um triunfo tão completo. O que achais, princesa?

— Não pensei muito sobre isso, mas não vejo razão alguma para acreditar em magia. Se o meu povo tivesse tido tal dom, então por que razão não o teria ainda?

— Então não o tendes? — inquiriu Igguldan, sorrindo. — Não podeis, por exemplo, lançar-me um feitiço e obrigar-me a fazer a vossa vontade?

— Dificilmente preciso de magia para fazer isso — respondeu Corinn, em tom zombeteiro, proferindo estas palavras tão naturalmente mesmo antes de ter pensado nelas. Sentiu o calor subir-lhe pelo peito até ao pescoço. — Talvez tenhamos criado contos de magia mais tarde, como forma de explicar tudo o que Edifus conseguiu. A grandeza é difícil de ser entendida pelas pessoas menores.

— Talvez seja assim... — O príncipe tamborilou com os dedos na pedra envelhecida pelo tempo, pôs-se na ponta dos pés por um instante e contemplou a paisagem que se espalhava lá embaixo, até ao oriente. — Creio então que serei um homem de menor valor, porque amo as Velhas

Histórias tal como são. A vossa erudição, de facto, tem um grande papel nas nossas lendas. Em Aushenia, não duvidamos de que os homens e as mulheres praticaram magia, outrora, e que o vosso povo a usou para dominar o mundo. Existe um poema maravilhoso sobre como os seres humanos adquiriram esse conhecimento. Não o recitarei agora por receio de me enganar, mas talvez mais tarde venha a ter oportunidade de o cantar.

— E onde está a magia agora? — perguntou Corinn. — Não vejo nenhum feiticeiro por aqui.

O príncipe de Aushenia sorriu, mas nada mais disse. Quando saíram das ruínas de Edifus, seguiram o caminho de volta na sua lenta subida até ao Descanso do Rei e Corinn admitiu:

— Não conheço muito sobre o vosso povo. Como são os aushenianos?

— Iríeis achar Aushenia muito fria. Não tanto como o Mein — lá mal veem o sol no inverno e pode nevar em qualquer dia do ano, mesmo no pino do verão. Em Aushenia não é assim. É verdade que temos um verão curto, mas é vibrante. Todas as criaturas e plantas aproveitam bem os poucos meses que têm. Na primavera, os botões de flor e as novas sementeiras despontam de debaixo da neve, como se por um dia o Doador lhes desse liberdade e, depois, nada os pudesse deter. No verão, o tempo é bastante quente. Vamos nadar para os lagos, a norte. Alguns até vão nadar no mar. Em Killintich, temos uma prova de natação e de corrida, no solstício de verão, todos os anos. Os participantes nadam do cais do castelo até um ponto do outro lado do porto. Depois, nadam de volta até ao cais. Leva um dia inteiro.

Os dois pararam um momento junto ao último degrau da escadaria. Os outros seguiam-nos a alguma distância. Corinn disse:

— É engraçado, num minuto dizeis que é fria e, no seguinte, falais-me em botões a despontar e em natação. Qual é a verdade, príncipe?

— Num lugar tão a norte como Aushenia, não é o frio que mais nos afeta. São os momentos em que o frio se afasta.

Corinn respondeu a isto com um aceno de cabeça e os dois permaneceram alguns momentos em silêncio.

— Mas somos como a vossa nação, em muitos aspetos. O meu povo gosta de aprender, tal como o vosso. Alguns dos nossos melhores alunos chegam a ter formação em Alecia. Sabeis disso, tenho a certeza. Aushenia foi o primeiro país do norte a aliar-se com Edifus contra o Mein. Infelizmente, a aliança não sobreviveu depois de o conflito ter terminado. É por isso que o meu pai deseja que o vosso nos honre com a sua presença. O meu pai não se encontra bem, compreendeis. Não pode viajar, mas passou

## ACÁCIA

toda a sua vida a trabalhar para chegar a uma aliança com o vosso povo. Ele acredita que seríamos mais fortes se nos uníssemos.

Os outros ainda não os tinham alcançado, mas Igguldan subiu mais um degrau e Corinn imitou-o. Subiram juntos, preservando a sua solidão um pouco mais.

— E somos poetas — disse o príncipe.

— Poetas?

— É desse modo que guardamos a nossa história, em poemas épicos cantados pelos nossos bardos. Nos nossos tribunais, os casos são discutidos em verso. É uma formalidade estranha, mas leva multidões aos casos mais complicados.

— Que estranho — retorquiu Corinn, embora aquilo não lhe parecesse realmente assim tão estranho. Não tinha paciência para procedimentos oficiais de todo. Talvez se toda a burocracia governamental fosse falada em verso, ela conseguisse suportá-la melhor.

— Sois o filho mais velho na vossa família? — perguntou Corinn.

Igguldan assentiu.

— Sou. Tenho três irmãos mais novos, e dois da segunda mulher de meu pai.

Corinn tentou erguer uma sobrancelha, embora o que acontecesse foi que ambas divergiram em direções erráticas.

— Uma segunda mulher?

— Bem... sim, o meu pai cumpriu os velhos códigos, tomando duas mulheres para garantir um herdeiro. Não precisava de se ter dado ao trabalho, mas... estava apenas a ser cauteloso.

— Compreendo. Também tendes tendência para ser cauteloso?

— Não. Casarei apenas uma vez.

Haviam chegado à varanda alta nas traseiras do Descanso do Rei. Corinn pousou as pontas dos dedos na balaustrada de pedra e ergueu o queixo, apontando-o para a vastidão límpida de mar verde-azulado que se espraiava perante eles.

— Assim o dizeis. Deveis ter muitas beldades no vosso país — tantas que um homem pode casar com mais do que uma.

— Estais enganada. Trata-se precisamente do modo contrário. As mulheres têm metade das virtudes das mulheres de Acácia. Acreditei-me... — O príncipe tocou nas costas da mão de Corinn. — Princesa, no dia em que tiverdes a gentileza de visitar Aushenia, sereis saudada como a mais bela mulher no país, e eu serei o primeiro dos vossos admiradores.

O príncipe não podia ter conjurado mais eficiente elogio para captivar o agrado de Corinn. Com aquela simples frase, fizera-lhe um cum-

primento, aludindo à sua fidelidade duradoura, e prometera-lhe admiração universal. Ela permaneceu muda durante alguns instantes, sentindo um formigueiro nos dedos, imaginando a possibilidade de poder passar a sua vida como um cisne rodeado por patos. Respondeu ao príncipe de forma evasiva, e prosseguiu com a visita, mas decidiu descobrir tudo o que pudesse sobre Aushenia. Talvez tivesse acabado de encontrar o seu futuro marido. Toda a gente sabia que Acácia e Aushenia ansiavam por uma aliança conjunta. O seu casamento poderia ser um golpe político. Poderia ser princesa de uma nação, rainha de outra. Tal era algo por que valia a pena ansiar.

## CAPÍTULO

## NOVE



Leeke Alain não guardara ilusões sobre a sua importância no decurso da história do império. Nunca nos seus quarenta e oito anos — dos quais mais de metade passada a servir o exército — se imaginara a ter um destino de particular relevo. Era somente um soldado, um entre muitos, que haviam marchado em fileira e anonimato ao longo da névoa da história. Assim pensara até uma ocasião em particular, na qual abriu os olhos e acordou de um sono vazio. Um ato simples, realizado milhares de vezes ao longo da sua vida. Porém, desta vez, era como se nascesse de novo. Num instante, era o vazio. No seguinte, os seus olhos tremeluziam perante a criação, a existência, um mundo nunca antes imaginado, que lhe exigia coisas que nunca lhe haviam dito que pudessem ser possíveis.

De início, esta criação não passava de um quadrado branco e brilhante por cima dele, numa geometria irregular, de um brilho intenso contra a escuridão anterior. Esforçou-se por se sentar e tentar sentir os membros que vagamente compreendia serem as mãos, os braços, as pernas, os pés. Estava preso. Olhou fixamente durante algum tempo sem compreender, sem ponto de focagem nem contexto. Somente quando uma forma cortou o espaço — um rápido fulgor que surgiu e desapareceu no mesmo instante — é que ele se moveu de novo. Contemplou o quadrado de luz o tempo suficiente para conseguir de novo captar o movimento. Um pássaro. Era uma ave, um bater de asas visto por entre as sombras abaixo. Para lá dela, a criação do mundo deslizava, numa superfície suave que ele reconhecia como um céu ártico, de nuvens altas. Esta última revelação foi a sua melhor ajuda até àquele momento. Com ela compreendeu a pressão que sentia à sua volta. Abriu as narinas e absorveu o odor nauseabundo, percebendo o que significava. Soube onde estava e como tinha ido ali parar.

Aquela primeira criatura com chifres... o ser que a montava... as muitas outras que a haviam vindo de dentro da tempestade... aconteceram realmente, pensou. Perdi-os, a todos. Levei-os para...para que é que os tinha perdido? Quem eram aqueles seres pesados, uivantes, que traziam consigo tal carnificina? Nunca vira diante de si tal disforme horror. Tal como o primeiro cavaleiro, todos se tinham materializado sedentos de violência. Alguns traziam lanças que arremessavam enquanto iam avançando, pesadas armas contra as quais as armaduras acacias não passavam de fina pele. O soldado perto de si fora atingido por uma delas no peito e voou com a força do arremesso, agarrando-se um instante ao ombro do general, desaparecendo depois. Outros inimigos vinham montados em bestas como — qual seria a palavra para aquilo? Aquelles animais de Talay... rinocerontes. Eram uma espécie de rinocerontes domesticados, mas que estavam cobertos por uma pelagem grossa e cinzenta. Atropelavam os soldados, por vezes parando em algum lugar o tempo suficiente para pisar um corpo até o desfazer numa pasta sangrenta.

O maior choque surgira quando o grosso daquele exército armado de espadas e machados atingiu os soldados acacias ainda reunidos. Eram seres enormes, de membros compridos e poderosos. Leeka via que se movimentavam com um prazer em matar que nunca imaginara possível. Era algo quase infantil, o modo como tiravam a vida. Como quando um menino com uma espada de brincar finge cortar em pedaços a cabeça, os braços e as pernas dos companheiros, e depois empunha o braço no ar, sorrindo perante os estragos que imaginou ter feito. Assim agiam aqueles seres, cortando membros com infinita satisfação, girando sobre si próprios em golpes grandiosos que, apesar de tudo, atingiam os seus alvos, enquanto iam dando palmadas nas costas uns dos outros. Por entre o desgrenhado dos longos cabelos negros, tinham uma tez pálida, como a neve. Leeka quis olhar um deles nos olhos de perto, mas nunca conseguiu.

Tentou lembrar-se de que ordens teria dado. Por mais que tentasse reagir à carnificina com alguma resposta razoável, não se conseguia lembrar de qualquer reação possível nem imaginar o que poderia ter dito durante os poucos instantes em que a matança se deu. Simplesmente, nada havia a fazer a não ser assistir ao inimigo a atacar e os seus soldados a morrer, com sangue espalhado por toda a parte, membros atirados sobre a neve empapada, corpos como bonecas de trapos estirados em posições impossíveis para os vivos. Em nenhum momento lhe pareceu que o inimigo se importasse com a sua própria vida. Nada os tocava. Nada os assustava e o mal que infligia sobre os soldados de Leeka não passava para eles de um enorme divertimento.

## ACÁCIA

Leeka vira um dos lanceiros inimigos espetar uma soldado acadiana. Aquele ser abominável observara a mulher com curiosidade primitiva, e depois enfiava a ponta da lança mesmo no rosto dela. Isto perturbara Leeka como nunca antes acontecera. Rugiu. Dirigiu a fúria que lhe vinha do estômago e lançou um grito através da tundra. O lanceiro ouviu-o, arrancou a arma da mulher e dirigiu-se a ele. Se a criatura perdesse a lança e falhasse, Leeka prometia a si próprio, enquanto corria na sua direção, seria esviscerada pelo aço acaciano no momento seguinte. Contudo, o lanceiro atirou a arma com destreza. A lança veio veloz na sua direção, numa mancha célere e alongada. Leeka teria morrido, se não fosse um dos seus soldados, um homem cujo nome não sabia antes e que nem sequer ficou a saber depois.

O soldado interpôs-se entre o lanceiro e o general. A lança espetou-se-lhe em cheio no peito. Atravessou-o e surgiu do outro lado numa explosão de sangue e pedaços de costelas partidas. A ponta da lança desviou-se mesmo o suficiente para o lado para passar através do espaço vazio entre o lado de Leeka e o seu braço. O corpo do soldado chocou contra o seu. A força do impacto empurrou ambos para trás. O elmo do homem bateu na frente de Leeka e deixou-o inconsciente. Ambos terão caído numa massa confusa, um parecendo tão morto quanto o outro.

Isso, supunha, era a razão por que ele não fora cuidadosamente executado e abria agora os olhos muitas horas depois para se encontrar no fundo de uma pilha de corpos. Antes de ter sido atingido, reparara que alguns dos inimigos agarravam nos corpos dos soldados chacinados pelos tornozelos e os juntavam em montes, limpando o terreno como se não quisessem que os cadáveres atravancassem o seu pátio de recreio, e compreendeu que fora atirado para uma dessas pilhas. Em seu redor havia outros combatentes amontoados. Imóvel, preso num monte de mortos, os corpos sangrentos dos homens e mulheres do seu exército emaranhavam-se com o seu; o seu espírito andava à deriva, perdia e voltava a ter consciência repetidas vezes.

Nos momentos em que despertava compreendeu a existência como algo que era constituído por sofrimento e um grande calor. Estava tão embalado nessa sensação que, durante algum tempo, pensou que o calor era apenas fruto dos cadáveres. Mais tarde foi tragado por uma inacreditável fornalha, a qual não era apenas provocada por aqueles corpos rígidos. Sentiu os cadáveres à sua volta dobrarem e tremerem, exalando o cheiro horrível a carne queimada. Foi só depois de suportar este estado durante horas e horas, num torpor intermitente de pesadelos, que acordou para compreender, horrorizado, que o calor se propagava dentro

dele assim como por fora. No centro da sua frente pulsava uma febre viva. Havia ali um besouro incorporado. Tinha a certeza disso. Um inseto enfiara o curvo bico no seu crânio, instilando-lhe algum tipo de veneno, com o fundo redondo e bulboso do corpo ondeando e zumbindo com o esforço. Tentou alcançá-lo, mas não se conseguia mexer. Suava por todos os poros do corpo. Uma camada de sal picava-lhe os olhos. Lambeu os cantos da boca, e ficou assustado com a pele crestada dos seus lábios. Os dentes também tinham mudado. Eram afiados caninos que lhe cortavam a língua, enchendo a boca de mercúrio que, por mais que tentasse, não conseguia expelir. Engasgou-se, perdeu a consciência, acordou ofegante e lembrou-se do calor e do inseto no seu crânio, e percebeu que a carne começava a largar-se da sua moldura, a carne apodrecida. Então perdeu novamente a consciência. Sonho. Acordar. Contorcer-se. Continuou assim por muito tempo.

Tudo isto ocorreu antes da altura em que acordou para o frio e para o quadrado de luz acima dele e vislumbrou o pássaro cortando as sombras através do céu. Não fazia ideia de quantos dias haviam passado ao tentar erguer-se do medonho emaranhado de cadáveres sob os quais se encontrava. Os corpos, que lhe haviam proporcionado calor durante algum tempo, estavam agora gelados e rígidos. O monte estava coberto de gelo, mas era suficientemente fácil ver os restos carbonizados debaixo deste, as cinzas atiradas pelo vento. Tinham deitado fogo aos corpos. Em redor dele havia pilhas semelhantes.

O monte no qual Leeka fora sepultado ardera menos completamente do que os outros; talvez fosse este golpe de sorte a razão pela qual ainda respirava. O campo da tundra encontrava-se repleto de todo o género de detritos — equipamento partido sujo de sangue, cadáveres de animais de carga e de cães, partes de corpos de homens e mulheres. Era um cenário de profunda desolação gelada, nem uma única criatura à vista, exceto algumas aves necrófagas, como os abutres atarracados de pescoço forte daquele clima gelado. Tinham bicos enormes, curtos e visivelmente serrilhados. Com uma centelha de esperança, considerou a possibilidade de estar realmente morto e de tudo o que o rodeava ser o mundo após a morte. Porém, o mundo era terrivelmente demasiado sólido para poder acreditar nisso.

Talvez ali tivesse permanecido mais algum tempo, apoiado até às coxas pelos restos carbonizados, não fosse um abutre pousar ali, perto da sua mão, e arrancar uma das articulações curvas de um dedo de um dos seus soldados. O pensamento de matar um ou dois deles deu um alento de finalidade a Leeka. No espaço de uma hora conseguiu arranjar um arco e várias flechas. Empalou três deles e fez as

## ACÁCIA

outras aves começarem a voar em círculos sobre a sua cabeça, gritando a sua fúria lá do alto. Não precisou, contudo de muito tempo para perceber que a tarefa era fútil. Apareciam cada vez mais aves, pousando no chão sempre que ele lhes virava costas.

Apercebeu-se de que havia outras criaturas em redor: pequenas raposas brancas, pintalgadas de rosa nas mandíbulas, um animal semelhante a uma fuinha, com cauda às tiras pretas e brancas, até espécies de insetos de carapaça dura, que pareciam indiferentes ao frio. Matou vários destes somente por tocar-lhes. Queimava-os com o calor das pontas dos seus dedos. Calor. Que força tão poderosa neste lugar inóspito e perdido, instrumento tanto de vida como de morte, de tortura como de salvação.

Pensando nesta última, começou a reunir material para acender uma fogueira. Não foi fácil, fraco como estava. Teve de parar várias vezes e beber golos de água do cantil que levava junto ao abdómen e morder o pedaço de pão duro e achatado, o único alimento que tinha. Na luz oblíqua do anoitecer precoce, conseguiu acender a fogueira, que cresceu, em labaredas cada vez maiores. Atirou para lá os corpos gelados e chamuscados dos seus soldados. Aventurou-se na escuridão e no frio e arrastou tudo o que pôde para as chamas, atirando os corpos como se fossem oferendas às labaredas. Repetiu o gesto vezes sem conta, sendo cada vez mais uma viagem entre extremos. Sentia-se tonto quando se movia demasiado depressa. Caiu muitas vezes sobre um joelho, de olhos fechados, até a tontura passar. Levantara-se novamente vento e, com as rajadas a mudar de direção, era impossível não respirar o fumo. Tossindo e coberto de fuligem, realizou a tarefa até a completar. O seu exército não serviria de alimento aos abutres. Melhor seria que se libertassem, pelo ar, para que se dispersassem e procurassem paz através da criação desamparada do Doador.

Mais tarde, nessa noite, Leeka acorrou-se junto à fogueira, com os olhos lacrimosos das cinzas. A poeira agarrara-se aos lábios e prendera-se-lhe nos dentes. Por várias vezes as rajadas de vento lhe trouxeram como que o som de vozes de mulheres cantando ao longe. Impossível, e, contudo, ouviu-as quase com a clareza suficiente para conseguir perceber palavras soltas e para trautear baixinho a canção para si próprio. Que fazer agora? Tentou diversas vezes concentrar-se nessa questão. Era um general confrontado com a tragédia; antes de qualquer outra coisa, tinha de delinear um plano de ação. Mas nunca conseguia fazer mais do que colocar a questão, antes que a recordação daquele horror lhe desviasse a atenção. Apesar de o seu espírito se arrepiar com o cenário da chacina, não conseguia fixar-se numa única imagem em que tivesse visto

uma daquelas criaturas humanas inimigas tombar no solo. Ao longo do trabalho, durante aquele dia, não vira nenhum dos seus mortos. Todos os membros que apanhara e atirara para a fogueira pertenciam aos seus homens. Nada encontrou que provasse que um dos inimigos sequer tivesse sido morto, nada que o levasse a acreditar que alguns deles teriam sido, sequer, feridos.

O trilho dos invasores era fácil de ver à luz clara da manhã. Apesar de o vento e a neve terem coberto o rasto, o caminho que haviam deixado era como um rio seco atravessando a tundra. Fossem quais fossem os veículos que empurravam ou puxavam, deviam ser maciços, pois o rasto que haviam deixado na neve enterrava-se vários centímetros no solo. Viu os trilhos entrecruzados das bestas semelhantes a rinocerontes. Por toda a parte havia milhares de pegadas deixadas pelo inimigo. O tamanho de algumas era quase o dobro das de um homem. Outras eram pequenas e deviam pertencer a crianças. Contudo, por entre estas, havia também marcas de botas de soldados acacianos. Prisioneiros?

Leeka começou a percorrer o trilho. Marchava com todas as provisões que conseguira salvar e que puxava num dos pequenos trenós. Transformou os paus das tendas em bordões para o ajudar na caminhada, enfiando-os bem no gelo a cada passada. Esforçava-se por manter um ritmo, uma figura isolada correndo em busca de um exército. Não fazia muito sentido. Apenas tinha de fazer alguma coisa. Era um soldado do império, afinal de contas, e havia um inimigo à solta, uma nação que era preciso avisar.

## CAPÍTULO

## DEZ



Como todos os aushenianos que Aliver vira até então, Igguldan vestia orgulhosamente o seu traje nacional: calças em pele, compridas, bem justas à perna, uma túnica verde de mangas compridas tendo por cima um colete azul, e usava um chapéu de feltro colocado à banda na cabeça. No fundo, era um traje simples, do género que se veste para uma caçada. Isto condizia com o carácter nacional. Os aushenianos adoravam as florestas ondulantes do seu país e gostavam de se imaginar ainda como caçadores, tal como os seus antepassados haviam sido. Pela compleição robusta e membros compridos do príncipe, Aliver sentiu que talvez ainda o fossem.

Aliver queixara-se um dia ao pai que as outras nações não deviam ter sido autorizadas a manter a sua realeza. Que sentido tinha um rei ter domínio sobre outros reis? Minava a sua autoridade, ameaçava fazer dos outros iguais a eles. Não deveria haver somente um monarca para todo o império? Leodan respondera com comedida paciência. Não, dissera, isso não seria vantajoso. Todas as nações do Mundo Conhecido — para além de Aushenia — lhes eram subservientes de muitas maneiras, em todos os assuntos de importância. Eram povos conquistados, mas mantinham o seu orgulho. Manter os seus reis e rainhas, os seus costumes e características, permitia-lhes manterem o seu orgulho. Isso era importante porque um povo sem sentido de si próprio era capaz de tudo.

— Não te custa nada tratar ocasionalmente alguém pelo seu estatuto real — dissera. — Deixa-os ser o que são, e que o nosso domínio sobre eles seja tão suave como a mão de um pai sobre os ombros do filho.

Não foi o contingente completo do Conselho do Rei que foi ao encontro do príncipe ausheniano. Alguns membros de categoria mais elevada enviaram os secretários em seu lugar — algo que fez Leodan resmungar

para si. Thaddeus encontrava-se ao lado do rei, assim como Sire Dagon, da Liga dos Navios, e muitos outros dignitários, para conferir ao encontro a devida importância. O príncipe estrangeiro encontrava-se rodeado por outros representantes da sua nação, como conselheiros e embaixadores experientes. Aliver sabia que o príncipe era apenas três anos mais velho do que ele, mas, no cumprimento da sua missão, parecia um dignitário com muito mais prática. Os homens mais velhos prestavam-lhe deferência. Antes de lhe dirigirem a palavra, pediam-lhe autorização com o olhar. Ele conversava à vontade com Leodan e Thaddeus, e recitou uma longa saudação do seu pai, Guldan, que mais parecia um poema, pelo seu ritmo e no uso ocasional de rima. Aliver poderia ter-se sentido posto à margem, ao ver um jovem mais à-vontade do que ele em tal papel, mas era difícil não se gostar de Igguldan, com o seu rosto sincero e maneiras sorridentes.

— Gentis conselheiros de Acácia, — proferiu Igguldan —, na verdade, nunca vi ilha mais bela, e palácio mais impressionante, do que estes. A vossa nação é abençoada e Acácia é a joia central na mais rica das coroas.

Falou durante algum tempo como se o seu único objetivo fosse cantar louvores à cultura acaciana. Como amava cada vista que se tinha da cidadela alta! Como ficara maravilhado com a qualidade do trabalho em pedra, a funcionalidade artística da arquitetura acaciana, a refinada demonstração de riqueza despretensiosa. Nunca provara prato tão delicioso quanto o peixe-espada grelhado da noite anterior, preparado ao lume à sua frente, e embebido num molho de um qualquer fruto doce que nunca antes imaginara existir. Toda a gente que ali conhecera agia de modo tão cortês e digno que iria levar para a sua terra uma nova percepção de modelo de comportamento. Vindo de uma nação mais pequena, presa das intempéries da natureza e do que isso acarretava no comportamento humano, ficara incrédulo perante a sublime mescla de poder e tranquilidade que reinava em Acácia.

Tinha um modo tão cortês de se exprimir que Aliver levou algum tempo a reparar em que altura o príncipe mudou o foco do discurso para o verdadeiro assunto da sua visita. Na altura em que se apercebeu, Igguldan declarava que a nação a que pertencia tinha orgulho na sua longa história como um estado livre e independente. Sabia que não teria de lembrar a nenhum dos presentes ali reunidos sobre o papel que Aushenia desempenhara em manter a segurança e a paz de Acácia. Fora o poder combinado de Aushenia e Acácia que havia derrotado os seus inimigos comuns há muitos anos atrás. Poderiam ter tido relações algo turbulentas, numa ocasião ou outra, em épocas distantes, mas era o espírito da antiga relação que mantinham que o seu pai desejava agora que fosse lembrado.

— É por isso que venho trazer o pedido de meu pai para que admitam Aushenia pacificamente no império acaciano, como uma província parceira a par de Candovia, Senival ou Talay. Se nos aceitarem, Guldan jura que a vossa nação lucrará com isso e que nunca se virá a arrepender da decisão.

Ali estava ele, pensou Aliver, apresentando de forma mais clara do que imaginara, o conteúdo da proposta. A resposta acaciana, contudo, não era tão simples. Os membros do Conselho do Rei crivaram o jovem de perguntas. Quando lhe perguntaram sobre se Guldan revogaria o decreto da rainha Elena — aquela altiva declaração de eterna independência — Igguldan retorquiu que as palavras da rainha eram verdade para a época em que vivera. Não era possível voltar ao passado e mudar o rumo das coisas. Guldan nunca contradiria a rainha Elena, mas falava no presente, deste momento, dos dias e anos vindouros.

Thaddeus perguntou que infortúnio atingira Aushenia para, depois de tanto tempo, vir suplicar um lugar à mesa do banquete.

— Nenhum grande infortúnio, senhor, mas vivemos há demasiado tempo fora dos círculos das trocas comerciais do império. Existe um espírito novo entre o meu povo que prefere olhar para o futuro com um olhar diferente. Vemos agora oportunidades que antes não vislumbrávamos. O meu pai é o primeiro a ver isso entre nós.

— Hum — retorquiu Thaddeus, pouco impressionado. — Encontram-se então numa situação assim tão terrível?

Sentiu-se no tom de voz do príncipe um ligeiro agravo ao refutá-lo. Aushenia, explicou, era uma nação modesta, mas nunca fora pobre. Eram ricos em âmbar, uma pedra preciosa conhecida em todo o mundo. Os seus enormes pinheiros davam a melhor madeira para navios no Mundo Conhecido. E as suas árvores produziam uma seiva que, através de um processo secreto, gerava um pez que impermeabilizava os cascos dos navios contra as águas e os danos causados pelo sal e pelos vermes. Isto, sabia, constituía um benefício para qualquer nação que navegasse no oceano profundo.

Igguldan parecia tentado a continuar, mas Sire Dagon aclarou a voz para falar. Até agora mantivera-se silencioso e tranquilo, a uma das extremidades da mesa, mas Aliver sentira o poder da sua presença durante o tempo todo. A Liga dos Navios. O seu pai murmurara uma vez que não havia força mais formidável em todo o império.

— Pensas que domino o mundo? — perguntara, sardónico e misterioso ao mesmo tempo. A Liga surgira do caos anterior à época de Edifus, como uma união informal de navegadores, um vago aglomerado de piratas, no fundo. Sob o domínio de Tinhadin, ganharam o contrato de

navegação para as novas trocas comerciais com os Lothan Aklun. Com esta legitimidade, produziu-se tal riqueza que evoluíram para um monopólio que controlava todo o comércio marítimo. Pouco tempo depois, constituíram uma entidade diversificada com influência em todos os setores do Mundo Conhecido. Uma vez ganho o controlo efetivo sobre a força naval acaciana — um acordo mediado quando o sétimo monarca Akaran dissolvera a sua problemática marinha e procurara a Liga como uma alternativa eficiente — tornaram-se num poder militar, inclusive com um exército privado, o Inspectorado Ishtat, que, afirmavam, era uma mera força de segurança para proteger os seus interesses.

Sire Dagon tinha um aspeto tão estranho como qualquer um dos outros homens da Liga. O seu comportamento era mais o de um sacerdote de alguma antiga seita do que o de um mercador. O crânio fora de tal modo apertado e moldado na infância que se tornara alongado, sendo o alto da cabeça parecido com um ovo. Tinha o pescoço invulgarmente comprido e estreito, efeito conseguido pelo uso de vários anéis que usava ao pescoço enquanto dormia, aumentando lentamente de número ao longo da vida. Falava num tom de voz apenas o suficientemente alta para poder ser ouvida, num timbre estranhamente atonal, como se cada palavra ansiasse por negar que fora sequer pronunciada.

— A vossa nação tem quantos habitantes?

O jovem príncipe fez um gesto ao seu ajudante e o homem mais velho respondeu. De cidadãos livres tinham trinta mil homens, quarenta mil mulheres, quase trinta mil crianças e os velhos eram pouco numerosos, visto os aushenianos preferirem acabar com a vida assim que se sentiam improdutivos. Tinham uma ampla população de mercadores estrangeiros no país, de que se não conhecia o número, e mantinham uma pequena classe de servos que rondaria as dez mil a quinze mil almas.

Quando o homem acabou, Igguldan proferiu:

— Mas sabeis disto. Há algum tempo que nos apercebemos de que estamos a ser vigiados por agentes da Liga.

— Tenho a certeza de que estais enganado — retorquiu Sire Dagon, embora não esclarecesse em que aspeto errara o príncipe. — No passado, o vosso povo colocou objeções ao nosso sistema de comércio. Deveremos acreditar que isso mudou? O vosso pai cumpriria todos os nossos requisitos, como cabe a uma nação com posição no seio do império? Sabeis qual o produto com que fazemos comércio e o que recebemos em troca?

Na pausa que se seguiu antes da resposta de Igguldan, Aliver transferiu o olhar do rosto dele para o dos outros membros do conselho, para a expressão do pai e de novo para a do representante da Liga. Sentiu a pulsação acelerar-se com uma sensação de perigo, e percebeu sinais da

mesma tensão nos outros rostos, mas em nenhum viu o gênero de confusão que sentia. A que produto se referia Sire Dagon? Ao minério das minas, ao carvão de Senival, às mercadorias e pedras preciosas de Talay, aos produtos exóticos do arquipélago de Vumu: estes eram os produtos de comércio internacional. As mercadorias que Igguldan referira também teriam compradores. Porém, se era a estes bens que se referia, por que razão falara com um tom de tão sinistra importância?

Igguldan respondeu ao homem da Liga com um aceno relutante.

Agradado, Sire Dagon pousou uma das mãos de longos dedos sobre a outra e colocou-as sobre o tampo da mesa. A joia que trazia num dos enormes dedos refletiu por um momento um fulgor de luz.

— Com tempo, e sendo razoáveis, todos os povos acabaram por achar o nosso sistema atrativo. Todos viram os benefícios que oferecemos. Mas, por causa disso, temos de proteger o que já estabelecemos. Encontramos um equilíbrio. Não o queremos perturbar. Por causa disto, os novos partidos não são inteiramente bem-vindos nesta altura. Tenho a certeza de expressar a vontade do rei ao mencionar isto. — Sire Dagon fez um gesto a Leodan sem sequer olhar diretamente para ele. Depois pareceu mudar de atitude. — Por outro lado... disse-me, as vossas mulheres são férteis?

Igguldan deu uma gargalhada, mas depois conteve-se, visto ninguém o ter acompanhado no riso. Olhou em volta e, a seguir, para Sire Dagon novamente. O seu rosto demonstrava ter compreendido que, fosse qual fosse a piada insinuante que julgava que o homem da Liga estava a fazer, fora um mal-entendido. Seguiu-se uma discussão que Igguldan claramente achou tão estranha quanto Aliver. Os ajudantes de Aushenia vinham preparados para a questão. Citaram estatísticas sobre as idades em que as mulheres aushenianas atingiam a maturidade sexual, sobre a frequência com que engravidavam, e a taxa de mortalidade infantil.

Por instantes, Aliver julgou ver um sorriso esboçar-se nos cantos da boca de Sire Dagon, mas depois não teve a certeza se seria essa a verdadeira interpretação da expressão. O homem da Liga guardou fosse qual fosse a resposta que poderia ter dado e, simplesmente, retirou-se novamente para o silêncio enigmático que mantivera até ali. A reunião prosseguiu sem mais nenhuma palavra por parte de Sire Dagon.

Leodan parecia feliz por as conversações mudarem de rumo.

— Ouço a vossa convicção, príncipe, e admiro-a. Mas eu também há muito que admiro a independência da vossa nação. Sois os últimos no Mundo Conhecido a permanecerem sozinhos; para alguns de nós o vosso povo foi... bem, uma inspiração.

— Meu senhor, — disse Igguldan —, não se alimenta, veste e toma

conta de uma nação simplesmente através da inspiração. Nós, aushenianos, nada temos que nos envergonhe, mas é óbvio para nós que o mundo se afastou do modelo que durante tanto tempo desejámos.

— E qual é? — perguntou Thaddeus. — Avivai-nos a memória.

— Aushenia foi, durante algum tempo, governada por mulheres de grande prestígio e sabedoria. A nossa rainha Elena, nos seus decretos, propôs que o Mundo Conhecido fosse composto por uma federação de nações livres e independentes, nenhuma subserviente a outra, todas fazendo trocas comerciais dos bens que melhor produzem, cada uma seguindo os seus costumes e carácter nacional, honrando as antigas tradições e religiões, embora estendendo a mão da amizade a outras. Foi isto que Elena propôs a Tinhadin.

Um dos membros do conselho observou que este sistema talvez funcionasse a um nível de subsistência — cada nação poderia aguentar-se e ficar em grande parte em igualdade de condições — mas nenhuma alcançaria a riqueza, estabilidade e a produtividade que a hegemonia acadiana criara com a ajuda do comércio gerido pela Liga. Teriam permanecido ilhas cheias de fervor nacional, sempre em escaramuças entre si, tal como haviam sido antes das Guerras da Distribuição.

Igguldan não tentou contradizê-lo. Fez um gesto de assentimento e apontou para o palácio à sua volta, demonstrando que tudo aquilo era um testemunho da verdade daquele argumento.

— A rainha ter-vos-ia respondido dizendo que o que é mais grandioso não é sempre o melhor, especialmente quando a riqueza é detida por uns poucos e alimentada pela labuta de muitos. — Igguldan baixou a cabeça e passou uma mão pelo cabelo. — Mas não foi sobre isso que eu cá vim falar. Elena pertence ao passado, nós olhamos para o futuro.

— Por vezes, ainda visiono o mundo que a vossa rainha sonhou — retorquiui Leodan.

— Eu também, — respondeu o príncipe — mas só de olhos fechados. Com os olhos abertos, o mundo é algo de muito diferente.

Após a reunião ter acabado, uma hora e pouco depois, o rei tomava chá com Aliver e o chanceler. Os dois homens dialogaram durante algum tempo, deixando a conversa divagar de um aspeto da reunião para outro. Aliver ficou surpreendido quando o pai perguntou:

— Que pensas de tudo isto? Fala sinceramente.

— Eu? Penso que... o príncipe me parece ser o género de pessoa razoável. Nada de mal posso dizer dele ainda. Se representa verdadeiramente o seu povo, isso é bom para nós, não é? Apenas me interrogo sobre a razão de só agora se quererem unir a nós, visto nos terem em tão alto apreço?

## ACÁCIA

— Unirem-se a nós significa muitas coisas boas — respondeu Leodan. — Têm razão em terem hesitado, mas desde há algum tempo que vêm demonstrando que serão nossos amigos se nós formos amigos deles.

Thaddeus fez um sinal com a mão de que as coisas não eram assim tão simples.

— Como sempre, o vosso pai é generoso nas palavras que profere.

— Não, o que digo é mesmo assim. Há muitos anos que eles nos estendem uma mão de amizade. Simplesmente, nós ainda não a agarrámos.

— E ainda bem que o não fizemos. A nossa paciência valeu a pena.

— O chanceler falou como se estivesse a dirigir-se ao rei, mas os seus olhos fitaram os de Aliver o tempo suficiente para indicar que estava a delinear os assuntos de forma mais completa para seu benefício. — O que o príncipe não admite é que Aushenia deve estar a passar um mau bocado. Admira-me que tenham permanecido fora do império tanto tempo sem terem sucumbido ao fardo financeiro que isso implica. Têm alguma riqueza mineral, sim, florestas que produzem muito, e vários bons portos, e o âmbar e o pez que Igguldan mencionou, mas, sem a Liga para poderem fazer comércio, pouco têm conseguido com isso. São um povo orgulhoso, mas foram forçados a vender os seus bens no mercado negro, a traficar com piratas. Isto não se encaixa bem em todo aquele idealismo. Estão a fazer esta proposta tão diretamente porque precisam de nós mais do que nós precisamos deles. Se os aceitarmos, será um assunto delicado gerir o seu estatuto no seio do império. Existem muitos fardos sobre um novo Vedel, um membro conquistado de nível inferior. Terão de aceitar isto sem o considerar um insulto, apesar de, na verdade, entrarem como um Vedel ser algo insultuoso.

— E se não entrarem como Vedéis? — perguntou o rei.

— Tem de ser assim, contudo. Pelas antigas leis, não existe outra categoria. Tinhadin foi muito claro de que todo o mundo tinha a opção, na sua época, de se unir a ele ou lutar contra ele. Quando Aushenia se recusou a aceitar a hegemonia de Acácia, decidiu o seu destino. — Thaddeus parou apenas para sorver um gole de chá, e depois ergueu a voz para responder ao argumento que antecipou. — As gerações entre essa época e o presente nada mudaram. Qualquer líder de qualquer nação compreende que as suas decisões afetarão todas as gerações vindouras. Quando a Rainha Elena rejeitou a oferta de Tinhadin, sabia que o seu povo viveria para sempre com as consequências de tal ato.

Leodan disse:

— Thaddeus coloca as coisas a preto e branco num mundo de milhares de cores. Na verdade, não conquistámos nem derrotámos Au-

shenia nas antigas guerras. Não tivessem eles sido também inimigos do Mein e talvez não tivéssemos prevalecido. Eles têm vivido durante centenas de anos sem ser como aliados, como vassalos ou como inimigos.

— Sim, centenas de anos — retorquiu Thaddeus — e isso não pode mudar de um dia para o outro. Na verdade, Aliver, claro que o teu pai acolheria os aushenianos. Ele é um idealista. Quer um mundo pacífico no qual todos são bem-vindos à mesa. Não gosta de reconhecer que, para existir uma mesa, muitos têm de ser excluídos dela. Isto é algo em que a Liga, contudo, baseia todas as suas decisões. É por isso que será improvável que seja permitido a Aushenia entrar. A Liga tem um veto em cada expansão do império deste género. Pressinto que estejam tentados a aceitar Aushenia, mas que, no entanto, hesitam, por qualquer razão que talvez nunca venham a explicar-nos. Algo que o teu tutor talvez ainda não te tenha explicado completamente ainda, Aliver, é que o império é tanto um empreendimento comercial como imperial. Nesta área, a Liga tem a última palavra. Conhecemos apenas uma parte de como a Liga conduz os seus assuntos, mas, se eles não quiserem que Aushenia entre, então Aushenia continuará de fora.

Leodan levou as mãos ao rosto, parecendo fatigado pela conversa.

— E isto, filho, é o assunto reduzido à sua essência.

— A preto e branco — retorquiu Thaddeus.

## CAPÍTULO

## ONZE



✎ O assassino viajara até Acácia em completo segredo porque não tivera outra opção. Se alguém tivesse sabido da missão de Thasren, teria havido demasiadas oportunidades de ser traído. Havia muita gente por todo o império que se queixava do domínio de Acácia, mas não podia confiar em ninguém fora das portas da sua cidade-capital. Nem sequer recorreu aos agentes já escondidos dentro de Acácia, muitos deles agindo há anos, outros há gerações. Quem poderia ter a certeza de que a vida nestes climas do sul não os tivesse corrompido? Assim, orientou-se pela cidade baixa e a partir daí passou a porta principal disfarçado de operário. Passou despercebido pelas ruas repletas de gente atarefada com uma facilidade que o encheu de repugnância por aquelas pessoas. Nenhum estranho poderia vagar assim sem ser notado pelas ruas de Tahalian. Qual a utilidade de viver em tão formidável fortaleza se um agente inimigo ali conseguia penetrar tão facilmente? A ilha era um desperdício nas mãos daquela gente. Sentiu o coração palpitar de antecipação ao olhar em volta para toda aquela riqueza ostentosa. Sob o controlo do Mein, uma Acácia rebatizada seria um bastião impenetrável. Alegrou-se ao imaginar isto, apesar de saber que não viveria para ver esse glorioso dia com os seus próprios olhos.

Fazendo algumas perguntas a um ou outro transeunte de pele escura, descobriu o caminho que levava ao bairro que albergava os dignitários estrangeiros. Embora fingindo estar ocupado com qualquer coisa, ficou à espera do único contacto que planeava fazer. Não demorou muito a encontrá-lo. Na terceira tarde na cidade, reconheceu o embaixador do seu povo em Acácia. O cabelo, outrora louro, de Gurnal, adquirira uma tonalidade brilhante metálica, como muitas vezes acontece aos homens do Mein que passam muito tempo no sul. De início, vira apenas a sua cabeça por entre a multidão, mas, quando o embaixador passou perto dele,

viu que trajava vestes largas como um acaciano, sandálias e meias de lã. Somente o medalhão que trazia ao pescoço demonstrava as suas origens. Maeander tivera razão nas suas suspeitas; Gurnal esquecera-se de quem era. Porque seria a atração pelo requinte sempre tão poderosa para enfraquecer os homens? Porque seria uma nação erguida sobre mentiras tão atrativa às pessoas que deveriam ter mais consciência?

Thasren tinha ainda estas questões a ocupar-lhe o espírito, nessa noite, quando escalou a muralha de pedra e saltou para o pátio das traseiras da casa do embaixador. Acreditava, pelas observações que fizera, que sabia exatamente quantas pessoas viviam ali. Começou a procurar cada uma delas meticulosamente. Caminhava devagar pela casa adormecida, parando em cada sala para que os olhos se adaptassem a qualquer mudança de luz ou sombra. Assegurou-se de que não embatia em nada, uma tarefa difícil, visto a casa estar repleta de objetos inúteis, urnas decorativas e estátuas de tamanho humano, cadeiras demasiado pequenas para que alguém se sentasse, animais embalsamados em posturas vivas. Cada sala possuía uma fragrância diferente. Apercebeu-se — talvez mais rapidamente do que teria conseguido durante o dia — de que os cheiros provinham de flores diferentes.

Encontrou a filha do embaixador a dormir e manietou-a sem fazer barulho algum. Tudo o que a rapariga fez foi erguer a mão por um instante, enquanto ele lhe tapava a boca aberta com uma fita de tecido, como se não quisesse ser acordada de um sonho agradável. O filho adolescente do homem tinha o sono leve e era forte, e os dois lutaram por alguns momentos no escuro. Foi uma luta estranha e abafada, mais bizarra ainda porque o rapaz não proferiu palavra durante todo o tempo, mesmo quando o assassino lhe torceu os braços a ponto quase de os partir. A mãe do rapaz arfou quando a lâmina curva da faca do assassino lhe tocou na traqueia. Abriu os olhos e fitou-o, balbuciando o nome do marido, mas, se isto fora uma súplica ou acusação, ele não tinha a certeza. Amarrou ambos onde os encontrou, perfeitamente consciente do quão piedoso estava a ser. Os três criados da casa eram outro assunto. Dormiam perto uns dos outros e acordaram todos para o combater. Foi quase um alívio, uma libertação, esfaqueá-los e escutar enquanto iam tombando quietos e silenciosos. A rixa causara algum barulho e Thasren não se mexeu durante algum tempo, atento ao mínimo movimento ou ruído que indicasse que tinha sido ouvido.

Gurnal deveria ter sentido qualquer coisa no silêncio da noite. Deveria ter estado a pé, armado e pronto a atacar, mas estes anos em Acácia haviam-no entorpecido. Mesmo quando o assassino entrou, rolava para um dos lados da cama e depois para o outro lado, novamente, enredado

na roupa do leito como uma criança. Quando por fim se ergueu nos cotovelos, murmurou qualquer coisa baixinho. Atirou as pernas por cima da cama, pôs os pés nus no chão e levantou-se. Saberá que havia algo de errado? Se o sabia, não agiu como tal. Não se apercebeu de Thasren de pé, nas sombras atrás do canto do guarda-roupa. Balbuciou qualquer coisa e depois ergueu-se e dirigiu-se para o corredor.

O assassino deslizou do seu esconderijo, agachou-se rente ao chão. Com a faca atingiu o homem na parte de trás dos joelhos, primeiro numa perna e depois na outra, dois golpes rápidos como se tivessem sido executados por um talhante. Quando Gurnal caiu, o assassino agarrou-o pela gola da camisa de dormir e puxou-o para trás. No momento a seguir já tinha prendido os braços do homem sob os seus joelhos fortes, com tal pressão que sentiu os músculos dos braços do adversário deslizarem em redor do osso. Gurnal gritou com todas as forças que tinha, até o assassino espetar a extremidade sangrenta da faca na ponta do seu nariz. Isto bastou para o silenciar.

— A quem deves tu lealdade? — perguntou Thasren. Falou na língua materna, de tons dissonantes, palavras que soavam a seixos do rio a fenderem sob um cinzel.

O homem fitou, sem reconhecer, os olhos cinzentos do atacante, da mesma cor que os seus.

— Ao Mein. Ao sangue de Tunishnevre, aos milhares que pereceram, com quem... sou uno.

— É bom que profiras tais palavras. São as certas, mas serás tu o homem certo?

— Claro — respondeu Gurnal. — Quem és tu? Por que razão me mutilaste? Eu sou...

— Cala-te! Eu farei as perguntas. — O assassino mudou a posição em que estava, de modo a colocar um joelho sobre o peito do homem numa postura que lhe era mais confortável. — Quando estarás novamente perto do rei?

Gurnal demonstrou o seu desconforto com suspiros e esgares de dor. O assassino apoiou mais peso em cima do peito do homem, até este cuspir uma resposta. De início, falou com os olhos esbugalhados de incredulidade, como se, simplesmente, não fosse possível ter acordado naquela situação, que estivesse ferido como estava, e que a sua boca conseguisse responder a um inquérito tão aleatório. O atacante tinha mais perguntas, contudo. Fazia-as como se aquela situação fosse bastante normal. Gurnal respondia, dando pormenores sobre a sua vida diária, os deveres que tinha, os lugares onde o esperariam nos dias seguintes e o que iria lá fazer. Pouco depois parecia obter algum consolo nas suas res-

postas, como se todos aqueles vários compromissos lhe garantissem que o seu lugar no mundo dos vivos continuaria.

O interrogador acabou por voltar ao ponto em que começara.

— Encontrar-te-ás com ele esta noite?

— Sim, claro. Não pessoalmente, entendes, mas deverei estar no salão quando ele for saudar o séquito de Aushenia. Serei um entre muitos...

— Haverá um banquete?

— No palácio, daqui a duas noites. Estarei lá presente. Seremos apenas um pequeno grupo. É raro jantar-se à mesa com o rei, mas eu...

— O homem engasgou-se e parou. Nos olhos surgiu-lhe uma expressão de espanto. O queixo moveu-se antes de conseguir articular as palavras seguintes. — Conheço-te! Thasren! Thasren...

O assassino silvou para o fazer calar e falou-lhe perto do ouvido, deixando que os lábios aflorassem a pele macia e a cartilagem do lóbullo da orelha.

— Quem eu sou não te interessa. O que importa é que te tornaste um fraco. Falas com a boca e não com o coração. — O embaixador protestou, olhando de um lado para o outro, como se a ajuda estivesse por ali, à espera, e esperasse só um olhar para agir. — Talvez o Callach, que a todos julga diante das portas das montanhas, te ouça e te permita a entrada. Mas, neste mundo, respondes perante um senhor diferente para avaliar o teu valor, e este senhor não está satisfeito contigo. Hanish Mein já não dá importância à tua vida, mas, visto seres um Mein, terás uma última oportunidade de provares a tua lealdade.

Durante as horas que se seguiram explicou ao homem e à família como as coisas se iriam passar. Descreveu os tormentos sem fim que Hanish lhes infligiria se falhassem em algumas ações que se lhes pedia. Incutiu-lhes o dever para a sua raça e lembrou-lhes que o alcance dos Tunishnevre era tal que nenhum Mein podia escapar à sua ira. Bastava que fizessem meia dúzia de coisas para se salvarem. A mulher e os filhos mostrar-se-iam em público, sem dar sinal de que alguma coisa mudara. Sorriam afetadamente, bajulariam e adulariam os acacianos como parecia ser natural neles. Arranjariam desculpas para explicar a ausência dos criados e não permitiriam a ninguém entrar em casa. Por seu lado, Gurnal informaria Thasren de tudo o que este precisaria de saber para chegar junto do rei, que costumes deveriam ser seguidos, quem poderia encontrar, com que género de segurança se depararia. Resumindo, ajudá-lo-iam a matar o rei.

Quando Thasren deixou a casa naquela tarde, usava uma peruca feita do cabelo de um dos criados, presa com uma bandolete de crina de cavalo que lhe atravessava a fronte, um ornamento tradicional em ocasiões importantes. Havia uma outra razão, além de apenas as suas capacidades como assassino, para ter sido incumbido daquela missão. A

## ACÁCIA

estrutura do seu rosto era muito semelhante à de Gurnal, tinha os mesmos traços gerais, quase idênticos na harmonia dos olhos e nos ossos do queixo. Afinal de contas, faziam parte da mesma árvore genealógica, eram primos em segundo grau do lado materno. A maior diferença que tinham era o cabelo, mas isso fora remediado.

Encontrou o caminho para o palácio com bastante facilidade. Entrou pelos portões reais como mais um entre um fluxo enorme de pessoas, não sendo sequer interrogado pelos guardas que, simplesmente, se limitaram a acenar-lhe. Como nenhuma daquelas pessoas iria estar junto do rei, os guardas não os revistavam à procura de armas traiçoeiras, apenas os observavam e encaminhavam para espaços pré-estabelecidos, espetadores mas não participantes. Thasren detestava o cheiro do lugar, uma amálgama confusa de diferentes odores, colónias e perfumes de tantas terras estrangeiras. Era exatamente como Hanish dissera que seria: os representantes de tantas nações, de diversas raças, que agora se curvavam em vénias e sorrisos perante os senhores acacianos. Teria o mundo inteiro esquecido o orgulho da raça? Eram como muitas criaturas com cascos — veados e antílopes — reunindo-se para entoar louvores ao leão que lhes devorava os filhos. Nada daquilo fazia sentido.

Permaneceu perto da saída durante toda a noite, fingindo sentir-se à vontade nas estranhas vestes do embaixador, acenando cumprimentos aos outros visitantes quando havia contacto visual. Desviou-se várias vezes de pessoas que pareciam prestes a vir falar-lhe. Por duas vezes conversou com homens que pareciam conhecê-lo bem. Tossia para a mão e explicava o seu mutismo dizendo que apanhara uma constipação. O humor inerente à situação não escapou aos acacianos. Estivera demasiado tempo na ilha, brincavam. Estava a tornar-se um acaciano, diziam-lhe, sujeito à mais ligeira corrente de ar. Ambos os homens se afastaram sorrindo.

O esforço destes logros fê-lo sentir-se exausto. O coração batia-lhe furiosamente o tempo todo. Gotas de suor caíam pelo nariz e pelas faces e escorriam invisíveis debaixo das axilas. Sentia uma película de humidade entre si e a parte inferior da peruca. Porém, aos olhos que o viam parecia ter a compostura perfeita. Quando a multidão foi percorrida por um murmúrio de silêncio e o arauto pediu atenção, Thasren olhava para o monarca a entrar no recinto, adornado com uma coroa dourada, uma grinalda com espinhos imitando a árvore que dera origem ao nome da ilha — então, soube que estava perto, muito perto, de vir a ter o seu lugar na história do seu povo. Nessa noite não tentaria chegar-se mais perto. Isto não passava de um namorisco, o ataque a sério seria melhor que se consumasse no dia seguinte.